

LEONARDO MENDES BEZERRA



"A ARTE DE
DESNUDAR-SE"

CARTAS BIO:GRAFADAS DE UM
PROFESSOR-PESQUISADOR-CONVERSADOR

“A ARTE DE DESNUDAR-SE”
CARTAS BIO:GRAFADAS DE UM
PROFESSOR-PESQUISADOR-CONVERSADOR

LEONARDO MENDES BEZERRA

“A ARTE DE DESNUDAR-SE”

CARTAS BIO:GRAFADAS DE UM
PROFESSOR-PESQUISADOR-CONVERSADOR

Copyright © Leonardo Mendes Bezerra

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Leonardo Mendes Bezerra

“A arte de desnudar-se”: cartas bio:grafadas de um professor-pesquisador-conversador. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 137p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0919-7 [Digital]

1. Educação; 2. Artes de fazer; 3. Bio:grafia; 4. Professor-pesquisador-conversador. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

*Aos filhos da mãe-terra;
Aos cerratenses e cerradeiros;
Aos nordestinos e sertanejos;
Aos maranhenses e geraizenses;
Aos educadores e educandos;
Aos professores e profissionhadores;
Aos goianos, mineiros, paulistas, mato-grossenses; fluminenses...
Às gentes daqui e d'acolá!
PARA TODOS VOCÊS, COM AFETUOSOS ABRAÇOS.*

SUMÁRIO

Prefácio de Marcos Reigota – Quando o carteiro chegou e o meu nome gritou com uma carta na mão: Uma conversa com leitoras e leitores das cartas de Leonardo Bezerra	11
Carta de Apresentação	17
Carta – O processo de seleção para o ingresso no doutorado	21
Carta – Aprendendo a ler o mundo quando criança	27
Carta – A curiosidade sobre a ecologia	31
Carta – Minha prática docente inicial na Universidade Estadual do Maranhão	35
Carta – No doutorado aprendo a me subverter	41
Carta – A virada metodológica e as artes de fazer	47
Carta – As nuvens, a pandemia e a tese	53
Carta – O isolamento social	57
Carta – Visita noturna	61
Carta – As minhas form(a)ções acadêmicas	65
Carta – Aromas, sabores e lembranças	71
Carta – Extensão Rural travestida de assistência técnica	79
Carta – Experiências formativas	85
Carta – Memórias das salas multisseriadas	89
Carta – Fragmentos de vidas reunidos que revelam histórias ocultas	93
Carta – A desistência dos estudos escolares	97
Carta – A educação do campo no sertão maranhense	101
Carta – Memória de um dia na preparação para a visita externa	107
Carta – O agronegócio seduz?	111
Carta – Diálogos com-partilhados, a qualificação!	117

Carta – Re-encontros para os desfechos, a defesa!	121
Carta – As inspir(a)ções	131
Sobre o autor	137

PREFÁCIO DE MARCOS REIGOTA

*Quando o carteiro chegou e o meu nome gritou com
uma carta na mão: Uma conversa com leitoras e
leitores das cartas de Leonardo Bezerra*

Marcos Reigota

Há alguns meses recebi o convite do Leonardo para escrever o prefácio para o livro que ele estava preparando. Imediatamente aceitei o convite, mas ele precisaria aguardar um bom tempo, pois eu estava com muitos afazeres. Gentilmente ele aceitou essa condição e me enviou o texto, ou seja, as inúmeras cartas que se encontram nesse livro.

As li com calma, digerindo cada uma delas, lembrando de passagens esquecidas da convivência que tivemos quando ele foi meu orientando e saboreando outras que desconhecia. Dessa forma fui adentrando seu cotidiano que de uma forma ou de outra me escapava durante o período de nossa convivência.

Conheci Leonardo no dia em que ele chegou para fazer a entrevista para realizar o doutoramento. O curriculum Lattes que ele havia anexado à documentação era bem instigante e demonstrava um percurso pouco comum. Essa primeira impressão foi confirmada na entrevista. Na ocasião ele estava, evidentemente, ansioso como todos e todas que o antecederam e as e os candidatos ao doutoramento que foram entrevistados depois dele. A conversa foi muito agradável. Ele nos contou, de forma bem humorada, o périplo que havia feito para chegar ali naquele momento, suas buscas para conseguir um trabalho de professor, as longas viagens que fazia para dar aulas e os concursos aos quais se apresentava.

Leonardo nos fornecia muitos detalhes e informações preciosas sobre o que é ser professor no Brasil profundo, ou seja, nessa parte do Brasil muitas vezes ignorada e menosprezada e, no entanto, vital para o nosso entendimento de país. A conversa se estendia e precisávamos focar no projeto de pesquisa e nas epistemologias que até então ele havia se dedicado com afinco. Aí surgiram questões espinhosas: Caso Leonardo fosse aprovado, enfrentaria ele um

processo de desconstrução que nossos grupos de pesquisa estavam realizando e que poderia não lhe ser, profissionalmente, muito útil? Desconstruir-se seria um risco que ele correria? Leonardo abraçaria a *aventura de desnudar-se*, noção que estávamos desenvolvendo e que estava sendo colocado à prova? De qualquer forma não tive dúvidas (mas nada falei naquele momento) que a noção de *Bio:grafia*, seria bastante adequada para trazer a público a trajetória desse professor inquieto e perseverante.

Quando demos por encerrada a entrevista e ele se despediu sorridente, as minhas colegas me olharam e como se adivinhassem meus pensamentos disseram juntas: *Você vai orientá-lo, não é!?*

No primeiro semestre de 2019 eu fui o responsável pelo componente curricular obrigatório aos doutorandos das três linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação. Era também o primeiro semestre do governo de extrema-direita que havia sido eleito. Esse contexto político trouxe a todos nós, professoras e professores, assim como para as instituições de todos os níveis de ensino, desafios e responsabilidades. Considerava que era urgente nos posicionarmos frente ao que se nos apresentava. Convidei todos os professores e professoras do PPGE para que assumissem o componente curricular obrigatório comigo. Cada colega deveria escolher um texto de sua autoria e discuti-lo com as e os doutorandos, ao mesmo tempo que enfatizaria a sua trajetória acadêmica, destacando o contexto político de sua formação.

De forma geral todos nós que atuávamos naquele PPGE fomos formados no período em que se discutia a redemocratização do país, pós ditadura civil-militar (1964-1985) e nossos textos, pesquisas, práticas sociais e pedagógicas cotidianas miravam e estavam voltados para esse objetivo político. Em outras palavras, nossa práxis visava conquistar um bem público e um direito universal: o acesso à educação escolar. Desafio esse completamente diferente aos que se apresentavam para quem estava iniciando o doutorado em 2019.

As e os doutorandos tinham naquele momento (e continuam tendo) diante de si o desafio de garantir o avanço dos direitos arduamente conquistados nas décadas anteriores e ao mesmo tempo enfrentar o autoritarismo político e o fundamentalismo religioso que se impuseram pelo voto da maioria da população brasileira, com a

convivência e o apoio de instituições educacionais, culturais, políticas e religiosas.

A participação do Leonardo nos seminários, nossas conversas na sala que eu dividia com a professora Alda Romaguera, nos corredores, e em tantos outros espaços de encontros nos dois anos que convivemos, foram sempre muito intensas e não foram poucas as vezes que usei a expressão "calma, vamos com calma" para que pudéssemos deglutir todas as novas informações, ideias e propostas para a tese (as dele, as dos nossos colegas e as minhas).

Chegada a pandemia, nossos encontros, orientações e seminários passaram a ser virtuais. Ele deixou crescer os cabelos e nos enviava notícias do Planalto Central do Brasil.

Os registros que o Leonardo nos oferece, através de suas cartas, explicitam como que ele vivenciou esse acontecimento e podem ser lidos como testemunhos, registros, depoimentos, etc... do que enfrentamos, juntos e separados.

As mortes, as hospitalizações, as sequelas, o isolamento, os negacionismos, os oportunismos, a indiferença, os absurdos discursos de pessoas qualificadas (professores e doutores, professoras e doutoras) que ouvíamos diariamente, as agressões ao legado de Paulo Freire, os conchavos inaceitáveis, as relações profissionais, sociais e afetivas abaladas e destruídas por posicionamentos éticos, políticos e pedagógicos completamente divergentes daquilo que, por exemplo, a Perspectiva Ecologista de Educação estava desenvolvendo há pelo menos duas décadas.

Como adversários do militarismo, da necropolítica, do neoliberalismo e do fundamentalismo religioso, passamos a ser considerados profissionais a serem eliminados sumariamente. Pelo Brasil afora, nós professoras e professores praticantes e adeptos do pensamento crítico, nos tornamos o grupo alvo a ser humilhado e desrespeitado. Preparando ciladas e intrigas estavam nossos inimigos e inimigas.

Mas não nos iludamos, no grupo dos exterminadores encontravam-se colegas, professoras e professores.

A tristeza profunda passou a rondar e transformou outrora sorridentes e acolhedoras pessoas em doentes aflitos, sem ânimo

para continuar, exauridos, estacionados por horas a fio diante das telas, esperando a morte chegar...

A pandemia foi o cenário adequado para que as e os ardilosos, nefastos e mentirosos, sem escrúpulo algum, expressassem os seus desejos mais sombrios e mesquinhos, mesmo que para isso fosse necessário empregar o santo nome em vão e se apoiar em ultrapassados e anacrônicos valores que não encontram sustentação constitucional.

Elas e eles não hesitavam em expor suas posições totalitárias (antes adormecidas e ou bem camufladas), seus gestos e ações inescrupulosas pautadas nos elogios à barbárie e na mesquinha e na pequenez das suas respectivas existências. Tudo muito cruel e humano, demasiado humano, já nos havia alertado há tanto tempo um conhecido filósofo que Leonardo e eu tanto apreciamos.

Mas resistimos e sobrevivemos.

A tese do Leonardo foi uma das últimas que orientei e como as outras dissertações e teses defendidas no primeiro semestre de 2022, na nossa linha de pesquisa, foi marcada pela pandemia.

Não nos deixamos abater, pois nosso compromisso político se mostrava sólido. Não nos deixamos abater, pois nossos argumentos estavam alicerçados no movimento político e epistemológico freireano. Não nos deixamos abater, pois contávamos com a sensibilidade aguçada das e dos colegas com quem podíamos contar e a solidariedade se fazia presente constantemente.

As dissertações e teses elaboradas e defendidas no grupo Perspectiva Ecologista de Educação refletem sobre nosso existir e oferecem alternativas políticas e pedagógicas claras e fundamentadas nos desafios do tempo presente. Nesse sentido, o trabalho do Leonardo é uma referência incontornável e uma contribuição inestimável.

Faço essas observações para enfatizar que as cartas desse livro oferecem um cotidiano, recheado de dúvidas, descobertas, afetos, leituras, poesia, sonoridade, sabores, sentimentos, paisagens e narrativas de encontros e desencontros ocorridos em diferentes espaços. Aspectos esses que geralmente nos escapam quando estamos pressionados por prazos e compromissos profissionais e institucionais.

Trata-se também de narrativas que consolidam a *aventura de desnudar-se*, na qual se prioriza o registro dos processos pessoais, sociais e políticos de tornar-se o que se é (Nietzsche).

Que esse livro possa ser um marco na carreira do Leonardo e que outras e outros colegas possam nele se inspirar e escrever para as pessoas dignas dos seus mais profundos sentimentos, narrativas de seus processos de tornar-se profissionais qualificados e compromissados com o bem comum.

01.11. 2023.

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Balsas-MA, 19 de setembro de 2023.

Queridos leitores,

Confesso que escrever [cartas] é uma paixão que vem de longe!

Antes a caneta escorregava pelo papel a estampar palavras que percorriam caminhos surpreendentemente memoráveis, inimagináveis, carregadas de emoção, de pensamentos e ideias... Registravam sentimentos, insights, relações de diálogo e de conflito, aproximações e distanciamentos, depois envelopadas, lacradas, seladas, carimbadas e enviadas aos destinatários. Escrevia cartas em casa, na escola e escrevia cartas como forma terapêutica por ser um espaçotempo em que podia desenhar as letras em diversas caligrafias que se (trans)formavam em informações que não eram censuradas.

Com a era tecnológica as cartas manuscritas perderam espaços no cotidiano da escrita, os e-mails e as redes sociais ampliaram os modos de comunicação rápida e imediata. Nessa loucura que se chama mundo pós-moderno, o ato de escrever cartas manuscritas foi diminuindo e com isso as singularidades e identidades tornaram-se mais frias com o toque no teclado e com a leitura em tela. A carta digital não consegue expressar as sensações e as particularidades da caligrafia, o formato da letra, os diversos traços, dos mais leves aos mais firmes, as rasuras, o texto levemente íngreme, as palavras trêmulas, o cheiro do perfume... As cartas manuscritas carregam muito mais do que informações-em-palavras, levam sentimentos de vidas materializados em escritas fortes, firmes, tremeluzes e leves...

Há tempo não escrevo cartas caligrafadas, mas ainda as escrevo. Grafo nas cartas potências das memórias que transbordam pelos meus dedos em vários toques, vão tecendo palavras digitadas, lidas, recolhidas, pensadas e luzidas na tela do meu notebook,

Reúno os pensamentos, fragmentos, passagens, lembranças, fagulhas, cintilações – comungados em espaçostempos epistemológicos

e ontológicos com o *Lídimo* [alterego de Leonardo] – que ora se encontram na tese de doutorado, ora foram complementadas com grafias-narradas em cartas que não estão na produção científica do trabalho final do doutorado.

A ideia de escrever esta obra através de cartas adveio das lembranças da juventude em que escrevia cartas, bilhetes, lembretes... escrevia e ainda escrevo, mas aqui, escolhi trazer a escrita digital, de certa forma, um pouco não convencional da cultura acadêmica tradicional.

Apresento aqui, o livro “A arte de desnudar-se – cartas bio:grafadas de um professor-pesquisador-conversador” que é uma composição de correspondências com o principal intento de estabelecer uma conversa entre interlocutores, se destina a todos que se interessam pelos percursos educativos para a formação do pesquisador, mas também para aqueles que gostam de literatura, artes, ciência...

Por se tratar de um livro bio:gráfico – que registrou pontos importantes para se tornar pesquisador e os percursos da formação no doutorado em Educação na Universidade de Sorocaba – que pode ser lido por todas e quaisquer pessoas, pois é fruto dos percursos que trilhei no meu doutoramento, e como tal, é um modo de me colocar no-mundo e com-o-mundo.

Desejo uma ótima leitura.

Leonardo Bezerra

CARTA
O PROCESSO DE SELEÇÃO PARA O INGRESSO NO DOUTORADO

São Paulo – SP, um dia em dezembro do ano de 2018.

Estimada Gi

Sai de Balsas ao meio-dia. Confesso que estava ansioso com a seleção do doutorado em Educação, na Universidade de Sorocaba. Passagem aérea comprada, e antes de embarcar, compartilhei longas horas com a sua companhia. A viagem de Imperatriz à Guarulhos não foi das melhores, mas consegui chegar. Ao pousar no aeroporto de Cumbica, parecia que o céu estava a cair em água. Tive alguns contratempos, mesmo assim consegui chegar em Sorocaba.

Só pensava em dormir e relaxar para iniciar a semana com disposição para fazer o exame de espanhol e a entrevista.

Em minha mente, apenas pensava: Quero ser doutor em educação! Após a aprovação no exame de idioma, fui para a temida entrevista com os professores da Uniso, da linha de pesquisa “Cotidiano Escolar”. Estava ansioso, um pouco preocupado também, enquanto apreciava a beleza do local, as árvores e os pássaros. Nesse meio-tempo, conversei com alguns candidatos, até o momento em que os professores adentraram a sala para iniciar a entrevista.

Não fui o primeiro a ser entrevistado. Não me recordo em qual ordem fui. Naquele momento, pouco me importava, pois, sabia que seria chamado. Enquanto aguardava ser chamado, lembrei-me das minhas contribuições profissionais, sempre pautadas no respeito e na observância dos aspectos morais e éticos na atuação profissional, sobretudo porque sempre busquei respeitar o estatuto e o regimento das instituições onde trabalhei.

Acima de tudo, nunca hesitei em fazer exercício da autonomia docente, da compreensão de divergências, da cooperação e do compromisso social, hábitos que dão sentido à identidade de um professor do ensino superior.

O Chronos, naquele momento, não existia para mim, porém o Aión me envolvia, quando, abruptamente, uma das professoras me chamou. Sentei-me e iniciamos a entrevista. Falei que o cotidiano educativo me fez reconhecer a figura de uma pessoa inacabada, à deriva em um processo social de busca e de admiração.

O poema “Exaltação de Aninha – o professor”, de Cora Coralina (1965, p. 91), impulsionou o meu ofício. No percurso dos meus encontros, desencontros e reencontros, senti-me um jovem professor que ensina e aprende ao mesmo tempo e fico feliz em aprender ensinando.

Enfatizei para os professores que, por essa tênue linha dialógica, aprendi o real significado axiológico da minha profissão. É meu dever promovê-la cotidianamente, criticá-la quando pertinente, compreendê-la em sua complexidade e dignificá-la com minhas ações.

Na estrada da minha vida, assinalada por encruzilhadas, caminhos retos, certos, errados e sinuosos, com encontros, desencontros e reencontros, transfiro o que sei e aprendo com o que ensino. Vou [me] surpreendendo, porque “Admirar implica pôr-se em face do ‘não eu’ curiosamente, para compreendê-lo. Por isso, não há ato de conhecimento sem admiração do objeto a ser conhecido”, conforme propalado por Paulo Freire (2021, p. 63), no livro “Ação cultural para a liberdade”.

O que experimentei na minha prática docente não deve ser reproduzido e repetido; as dinâmicas das vivências cotidianas fizeram-me sentir inacabado. No entanto, Paulo Freire (2016) adverte no livro “Pedagogia da Autonomia”: “[...] onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente”.

Como ser político-pedagógico, aprendi que no ensinar e aprender existe a consciência do inacabamento, e isso me colocou como um ser “aventureiro” e aberto às mudanças, e o que deve ser praticado é a franquia radical de mim mesmo perante as outras pessoas e ao mundo em movimentos conscientes de inacabamento.

Nesse vestígio, com a minha atuação de pesquisador-conversador, as características dos estudantes do curso de licenciatura e bacharelado da Universidade Estadual do Maranhão, agregadas com o ato de sentir o chão do sertão sul-maranhense e sua expressão no ambiente da

sala de aula, possibilitaram-me viajar pelos modos de ser dos sertanejos e compreender a dinâmica dos lugares.

Os lugares aqui tem o mesmo significado apresentado por Michel de Certeau (1998, p. 189), em seu livro “A invenção do cotidiano”, que “os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeça, enigmas [...]”.

Certamente, a Educação do Campo difundida no território do agronegócio força a resistência camponesa e também defende a educação como um direito. Entendo que, nesse processo, a subjetivação deve estar ajustada em ações mais colaborativas e solidárias que condizem com o ideário social, político, cultural e existencial ecologista, conforme propalado por Marcos Reigota, nos encontros do grupo de estudos “Perspectiva Ecologista de Educação”.

Compreender a subjetividade do cotidiano educativo do campo é trabalhar com um quebra-cabeça cujas peças são fundamentais para a compreensão do cotidiano dos sertanejos sul-maranhenses: ideias, saberes, habilidades, sentimentos, paixões...

A vida cotidiana é o lugar em que se desenvolve a vida humana, é nela que surgem os reflexos das nossas atividades. Relatar o cotidiano é contar no diário de bordo uma prática do espaço em que as aventuras narradas não se reproduzem em eloquências caminhatórias. Conforme lembrado por Certeau (1998, p. 200), “[...] produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem [...]”.

O cotidiano surge como espaço onde as experiências da vida podem desenvolver todas e quaisquer ações humanas. O espaço é um lugar praticado e animado “pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que orientam, circunstanciam, temporalizam e levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (Certeau, 1998, p. 202). Isso me fez recordar do conceito de território, como “o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”, elaborado por Milton Santos (2006, p. 13).

A partir daí, expus aos professores a necessidade de fortalecer ainda mais as conexões de saberes. Apresentei o meu percurso de vida e que estava decidido a sair do Cerrado maranhense para a “Terra rasgada”. Também falei que o meu intento, após o doutorado que é o de (re)construir meu espaço e poder atuar com mais saberes no território educativo maranhense. Para tanto, valer-me-ia da troca de informações e experiências com os professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade de Sorocaba, e impulsionaria a arte de produzir conhecimentos.

A escolha pela linha de pesquisa Cotidiano Escolar ocorreu pelo ensejo de que a tarefa habitual de um docente acadêmico, para além das atividades de sala de aula, das orientações e dos fazeres relacionados à pesquisa e extensão, pressupõe, também, lidar com o cotidiano educativo no chão do sertão.

Compreender essa e outras tramas é perceber os fatores que influenciam no cotidiano educativo dos sertanejos no Sul do Maranhão e das escolas do campo. A intensão inicial dessa caminhada foi a de registrar a existência de pistas, suspeitas, transgressões, trajetórias que exprimem falas, que se organizam e se fazem organizar em valores atinentes a um dever-fazer na vida ordinária com relatos populares, na força da vida, nos modos de ser, sentir, viver...

Assim sendo, Gi, ofereci aos avaliadores a história de uma vida que, espero eu, justifique o meu ingresso no Doutorado em Educação.

Agora vou parar de escrever. Estou no Brás, em São Paulo. O ônibus já vai sair, irei para Anápolis esperar o resultado final. Estou confiante que serei aprovado. E, antes de ir para Balsas, passarei em Imperatriz para que possamos comemorar mais uma vitória. Por isso, pretendo ser Doutor em Educação, pois, inspiro, transpiro e vivo a educação!

Abraços do seu amigo

Leonardo Bezerra

CARTA
APRENDENDO A LER O MUNDO QUANDO CRIANÇA

Anápolis-GO, 2 de setembro de 2020.

Queridos estudantes de Pedagogia, cumprimentos pedagógicos!

Quero convidá-los a ouvirem a música "Frutos da terra", tema de abertura do programa homônimo. A letra, composta por Genésio Tocantins e Hamilton Carneiro, tem a interpretação de Marcelo Barra.

FRUTOS DA TERRA

*Periquito tá roendo o coco da guariroba
Chuvinha de novembro amadurece a gabirola
Passarinho voa aos bandos em cima do pé de manga
No cerrado é só sair e encher as mãos de pitanga*

*Tem guapeva lá no mato
No brejinho tem ingá
No campo tem curriola, murici e araçá
Tem uns pés de marmelada
Depois que passa a pinguela
Subindo pro cerradinho, mangaba e mama-cadela*

*Cajuzinho quem quiser é só ir buscar na serra
E não tem nada mais doce que o araçá dessa terra
Manga, mangaba, jatobá, bacupari
Gravatá e araticum, olha o tempo do pequi*

*Tem guapeva lá no mato
No brejinho tem ingá
No campo tem curriola, murici e araçá
Tem uns pés de marmelada
Depois que passa a pinguela
Subindo pro cerradinho, mangaba e mama-cadela*

Hoje, pela manhã, pude novamente apreciar a música, a qual fez aguçar a minha memória, uma parte da minha história registrada nas lembranças de infância. Quando criança, gostava de assistir ao programa Frutos da Terra, que passava nas manhãs de sábado. O programa apresentava a cultura goiana nas entrevistas, na culinária, nos causos, nas modas de viola e nos cantos da terra. A música Frutos da Terra apresenta uma riqueza cultural do cotidiano goiano que me fez recordar do tempo em que saía com o meu avô para conhecer as frutas do Cerrado.

A minha capacidade de aprendizagem foi estimulada pelo contato que tive com o meu saudoso avô materno, João, pelas histórias que eles me contava e pelos passeios que ele fazia comigo pela cidade e admirava a beleza dos ipês amarelos.

Era peculiar o modo como ele conversava comigo, me exibía a rotina da cidade e da natureza com os passeios pela “matinha”, onde me apresentava as árvores, as flores, os pássaros que habitavam o local. Eu adorava fazer esses percursos, era uma verdadeira viagem, era fantástico como me apresentava o ambiente, me sensibilizando para uma leitura do mundo.

Esses passeios me faz lembrar o peripatetismo aristotélico, pois, me mergulha em formas de aprender-ensinar a ler o mundo. Não me sentia um aluno e não via na figura do meu avô a de um professor, e sim pessoa que estava se educando e me educando, éramos educador-educando e educando-educador. O pensamento de Paulo Freire (2016), no livro “Pedagogia da Autonomia”, indica que os educadores precisam ler o mundo com os saberes da vida [do meu avô] e da sua presença no mundo, que antecedia a leitura das palavras. Assim, eu ia me abrindo ao mundo e, nesse movimento cotidiano, borbulhavam minhas inquietações e curiosidades.

Em cada passeio, meu avô me apresentava nossas plantas, nas explicações eu exercia ainda mais a curiosidade que convocava a minha imaginação, fortalecendo as minhas capacidades de comparar e compreender aquele cotidiano vivido. Além disso, ele me estimulava a elaborar perguntas e a refletir, reforçando a dialogicidade, que não se resumia em um vai-e-vem de questionamentos com respostas resumidas

e objetivas. Com isso, ele me sensibilizava e, com a minha interação, eu iniciava o processo de conscientização. Hoje percebo que o interesse do meu avô era despertar em mim o potencial de descobrir como sujeito (inter)ativo que o ambiente era fonte de conhecimento.

As palavras, os gestos e os modos como meu avô me olhava eram atravessados pelo diálogo amoroso. Assim, fui percebendo que o ato de ensinar e aprender ocorre de modo como aprendia com as vivências narradas pelo meu avô e que ele também aprendia com as minhas inquietações e curiosidade. Paulo Freire (2021) já dizia, em seu livro, “Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar” que “não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”.

Sempre fui uma criança curiosa, contemplador da natureza e indagador das coisas últimas. Possuído por uma capacidade de investigar, sempre me perguntava: “o que é isto? Como é isto? Por que é assim?” Estava em processo de aprender a ver e a entender o mundo, era como se me colocasse em uma postura filosófica frente ao ambiente.

No entanto, nesses caminhos indagativos sobre os saberes institucionalizados, fui compondo um novo significado para o mundo e para minha própria existência, nas tramas dos acontecimentos cotidiano.

Desse modo, queridos estudantes de Pedagogia, declaro que meu processo de conscientização e aprendizagem iniciou antes da minha ida à escola, pois, o contato que tive com o ambiente e com as pessoas me iniciou em um processo de conscientização sobre o mundo. Ora, ensinar não se resume apenas em aprender a ler, escrever, calcular e sim pensar-no-mundo, comigo, com os outros e mediado pelo mundo.

Abraços cordiais,

Leonardo Bezerra

CARTA
A CURIOSIDADE SOBRE A ECOLOGIA

Sorocaba-SP, 1º de outubro de 2020.

Querido amigo!

Quem nunca sentiu uma canção aguçando recordações das nossas vidas, dos momentos felizes ou tristes que passamos, dos amores, dos temores e das vivências de um passado guardado em nossas memórias?

A música "Xote ecológico", de Luiz Gonzaga, fez-me viajar e despertar um ponto de vista ecológico da criança que existe em mim.

XOTE ECOLÓGICO

*Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar*

*Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar*

Cadê a flor que estava aqui?

Poluição comeu

E o peixe que é do mar?

Poluição comeu

E o verde onde é que está?

Poluição comeu

Nem o Chico Mendes sobreviveu

Ouvir essa canção me fez lembrar os ipês que continuam a estampar o cenário urbano da "cidade de Ana", quando pela primeira vez, no ônibus da escola, estudantes, mais adiantados do que eu, falavam em ecologia. Essa palavra ecoou diversas vezes em minha

mente durante as aulas no extinto ensino de primeiro grau. A mídia também divulgava maciçamente as questões ambientais da Eco-92; a cobertura jornalística instigava o meu esclarecimento sobre o que seria o evento, e a presença dos militantes e ambientalistas também foi motivo de várias matérias. De alguma forma, percebia uma ligação nas mais diversas áreas, os saberes se esbarravam em outros, como forma de proporcionar um diálogo produtivo.

Em uma aula de ciências, as palavras saltaram pelos meus lábios e perguntei à professora quando a turma iria desenvolver uma atividade sobre ecologia. Após a pergunta o silêncio pairou na sala, parecia que eu estava ouvindo o sangue percorrer pelas minhas veias, quando ela simpaticamente respondeu que em breve trabalharia com ecologia.

O tempo passou e, certo dia, depois do recreio, a professora propôs para a turma, na aula de ciências, o trabalho intitulado “Urgente, preserve o meio ambiente!”

Meu grupo apresentou o trabalho com o tema “Consumismo”. Em meio a isso, parecia que o mundo estava movimentando cada vez mais veloz e mais rápido do que a rotação e translação do planeta. Estava ocorrendo, intensamente, o desenvolvimento tecnológico. As fronteiras da comunicação e da informação abriram-se, por meio da evolução das mídias de armazenamento de dados, da internet, dos computadores pessoais e dos eletrônicos, fortalecendo cada vez mais o padrão econômico capitalista.

Parafraseando Bauman (2010), em “Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos”, o modelo econômico capitalista é parasitário, e, como tal, instala-se em um organismo hospedeiro, consumindo-o, prejudicando-o e destruindo-o. Esse processo de degradação e destruição intensificou-se e surgiram questionamentos a respeito do futuro do planeta, exigindo uma mudança de hábito e atitudes – seja de cunho psicológico, político, sociocultural e/ou pedagógico.

Isso, de modo bem germinativo, me fez entender que a sociedade estava freneticamente atrelada ao desenvolvimento econômico, não considerando os limites do meio natural, dos recursos naturais e do consumo desenfreado.

Para a época, pensar em uma atividade dessa no cotidiano escolar poderia ser apenas sob uma ótica simplista, sem procurar novas perspectivas interpretativas. Contudo, foi profunda e marcante. Tenho muito a agradecer à professora que despertou essa ação em mim.

Ah... Quando é que você passará por aqui para rever seu velho amigo?

Abraços cordiais

Leonardo Bezerra

CARTA
MINHA PRÁTICA DOCENTE INICIAL NA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Riachão-MA, 1º de março de 2021.

Querida Lu

Conhecemo-nos há mais de 25 anos. Não me esqueço de quando fui a primeira vez à sua casa, levado pela minha mãe, para que pudesse acompanhar-me nas atividades escolares. A nossa amizade nasceu ali, e hoje, escrevo-lhe para contar sobre os caminhos que trilho, distante de Anápolis.

No meu percurso profissional, na Universidade Estadual do Maranhão, iniciei como Professor Substituto para ministrar quatro disciplinas: Antropologia da Saúde, para o curso de Enfermagem; Sociologia Rural, Aspectos Sociais da Agricultura e Comunicação e Extensão Rural, para o curso de Agronomia. Uma vez que os professores formados nas áreas das agrárias não quiseram trabalhar com as referidas disciplinas, deparei-me com esse desafio.

Lendo os ementários e em conversas com o primeiro diretor do curso, ficou explícito que os discentes estavam acostumados com as práticas de ensino-aprendizagem de cunho epistemológico positivista-cartesiano. Cada uma das disciplinas já citadas era composta por 60 horas aulas e/ou atividades. Esse conjunto de disciplinas me propiciou a interação com estudantes, os quais, em sua maioria, vislumbravam a graduação para atuarem no agronegócio e uma parcela menor para trabalhar na agropecuária familiar e/ou para serem servidores públicos.

Desafio posto, assumi as disciplinas com o receio de não conseguir construir um processo de interação com a turma, que, por sinal, carregava em sua essência as características hegemônicas das engenharias – positivismo demasiado.

A partir das teorias de Paulo Freire (1985), no seu livro "Extensão ou comunicação?", busquei entender como os acadêmicos de Agronomia compreendiam o espaço rural, em seus aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos e educativos. Sob inspiração dos preceitos

freireanos, afastando-me de uma prática educativa bancária, debruçei-me, com base nos saberes locais, a dialogar com os conteúdos estabelecidos no supracitado livro, que apresentava a importância do contato entre o Agrônomo e o camponês [sertanejo], na compreensão da formação da nova sociedade agrária, com foco nas ações educativas dos Engenheiros Agrônomos, nos diversos contextos socioculturais, para poder produzir conhecimentos, porquanto o conhecimento exige curiosidade e instiga a transformação da realidade, isso implica em (re)invenções. Adotei, assim, a proposta de ensino dialógico [e apoiado pela direção do curso] ao trabalhar com as referidas disciplinas.

Adotar essa proposta foi possível rever perspectivas pedagógicas para o curso de Agronomia da Universidade Estadual do Maranhão, em Balsas, em que, de modo contínuo, tornou-se possível a minha (re)construção como professor e a reconstrução dos estudantes.

Enquanto isso, vivi outras culturas, distantes do chão goiano.

Na prática profissional fui apreendendo o mundo, o cotidiano, com vistas a pensar certo, que não se resume em depositar, oferecer conhecimentos, e sim ao pensamento dialógico, conforme proposto por Paulo Freire (2014) no livro “Pedagogia do Oprimido”. Essa percepção indicou que o conhecimento não se encontra imortalizado nos livros, visto que são constantemente analisados, refletidos e complementados.

Assim como os seres humanos, as ações de ensino-aprendizagem são incompletas, necessitam de uma busca constante na/dá formação humana e profissional, marcando um posicionamento político e pedagógico da perspectiva ecologista de educação proposta Marcos Reigota.

Nos debates, nas rodas de conversas, nas apresentações dos seminários e nas apresentações dos relatos de casos, valorizei o diálogo com os saberes trazidos pelos estudantes do curso de Agronomia em uma práxis pedagógica não atrelada às práticas bancárias. Não me apeguei a somente transmitir conteúdo.

Na disciplina Sociologia rural, o foco ficou nos estudos teóricos sobre a sociologia no/do meio rural como atividade científica, a organização social e a estrutura agrária no Brasil e no Maranhão. No decorrer das aulas, os estudantes apresentaram suas perspectivas e seus

modos de ver e entender o campo na microrregião dos Gerais de Balsas, o que foi bastante enriquecedor nas aulas por potencializar os estudos e as reflexões com base na literatura brasileira e em conexão com o pensamento sociológico.

Nesse caminho, desenvolvi um projeto intitulado “Aspectos sociais da agricultura: estudo sobre as hortas em Balsas”. Com o auxílio de três estudantes de Agronomia, descrevemos a realidade dos horticultores na interface do urbano com o rural, no que tange às políticas agrícolas, à educação ambiental e à segurança dos trabalhadores. Ter contato com o espaço rural me despertou a atenção para a cultura local, até então subterrânea para mim.

Na minha prática docente como educador, pesquisador e extensionista notei que alguns estudantes do campo vieram para a cidade em busca de melhorias na formação escolar e para sequenciar os estudos em nível médio e, posteriormente, para o ensino superior. O intrigante é que uma parcela dos egressos dos cursos ofertados pela Universidade Estadual do Maranhão/Balsas não retornou para o seu lugar de origem.

Com a busca por melhores compreensões do ambiente em que atuo profissionalmente, constatei que, no âmbito universitário, pouco se estuda sobre a história da educação na Região Geográfica Imediata de Balsas, mais precisamente da Educação do/no Campo. O que existe são fragmentações de realidades distintas comentadas em outras produções.

Desvelou-se a ideia de pesquisa o contexto da Educação do/no Campo, uma educação que possivelmente constrói as suas histórias, as suas identidades e as suas resistências frente à expansão da fronteira agrícola e do agronegócio. Acredito que entender essas e outras tramas – que os caminhos da pesquisa e as rotas de fuga podem me mostrar – é perceber os fatores que atravessam o cotidiano educativo do campo, pois espera-se [no sentido de esperar] que essa modalidade educativa, difundida no território do agronegócio, forja a resistência camponesa e defende a educação como direito.

Na ação de formar educadores, evidencio que as práxis educativas corriqueiras não se resumem apenas ao ato de ministrar aulas, pois “[...] formar é muito mais que puramente treinar o educando no desempenho

de destrezas” (Freire, 1996). Diante disso, adveio a necessidade de compreender melhor o ambiente onde vivo, meus estudantes, para, a partir daí, ensinar/produzir conhecimentos e colaborar com as transformações sociais.

Nesse processo de compreensão do ambiente do campo, ouvi histórias de alunos, dos sertanejos e outras histórias que os atravessamentos da vida me colocou diante do cotidiano e dos fatos. Conheci professores que atuam nas escolas rurais/campo, e algumas vezes fiquei à espreita, conforme Milton Hatoum (2013), no seu livro “Um solitário à espreita”, observando e ouvindo relatos/narrativas por onde andei, na universidade, nas escolas e nas comunidades...

Esses e outros indicam que, na minha própria prática profissional, que se iniciou com o curso de Agronomia e, atualmente está no curso de Pedagogia, pude assinalar que atuo como um pesquisador-conversador.

O que tenho mais a dizer? Novos projetos virão, novas experiências serão saboreadas com o tempo e com as vivências. Espero poder revê-la o mais breve possível para lhe contar mais histórias sobre a minha vida de professor.

Abraços cordiais,

Leonardo Bezerra

CARTA
NO DOUTORADO APRENDO A ME SUBVERTER

Sorocaba-SP, 8 de dezembro de 2019.

Estimadas Anas...

Os últimos instantes da minha vida estão personificados em turbilhões de velozes pensamentos, as aulas do doutorado estão a des/(re)construir-me.

Cursar o doutorado em Educação não é brincadeira, é preciso instigar a criatividade e solidificar as leituras. Posto isso, após anotar as considerações realizadas nas madrugadas, decido escolher um local que me fizesse sentir bem à vontade e em contato com a natureza, uma vez que não bastava apenas me adaptar ao ambiente para escrever esta carta, foi necessário me identificar com o espaço.

Reuni minhas anotações realizadas cotidianamente e busquei registrar o [meu] tempo, as formas de sentir e agir sobre ele. O registro é uma tentativa de entender o mundo, de nos entender, de nos situar no devir, de nos expressar.

Compreendi que as pistas me indicavam a necessidade de sentir a terra que nutre as mentes e o sopro da criatividade, que aviva a água inundante das fontes que sacia a sede das bocas secas.

Precisava passar pelas fissuras dos devires das respirações, das inspirações e transpirações; quebrar-me, unir-me, reconstruir-me, provocar-me e retumbar-me nos sentidos da vida. É aceitar que o desafio de transformar-me, considerando as particularidades da realidade sócio-político-cultural, é (re)conhecer-me como sujeito livre para construir a própria “bio:grafia” (Reigota; Prado, 2008).

As disciplinas, os grupos de estudos, as discussões produtivas, as leituras e interpretações, a sensibilização e as orientações direcionadas para a produção da pesquisa no doutorado potencializou-me em devires. No decorrer das disciplinas pude apre(e)nder conceitos, teorias, exemplos, e com isso fui capaz de modificar os meus modos de (re)construir conhecimentos que foram adquirindo significados reais,

pois, foram consideradas as diferentes interpretações dos estudantes, na relação do processo de ensino-aprendizagem. Isso me fez refletir sobre o meu próprio processo de desenvolvimento e me permitiu ser sujeito da formação, pela (re)organização dos processos de aprendizagens.

A práxis ocorrida no decorrer das disciplinas foi direcionada à formação do pesquisador em educação exigiu discussões e reflexões sobre o trabalho docente e das instituições educacionais. Pensar uma educação, no sentido de formação docente e do pesquisador, equivale a desenvolver o exercício da autonomia e do ato de pensar, refletir sobre diversos assuntos educacionais/educativos.

A leitura da obra “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami”, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), apresentou um novo questionamento a respeito de um caminho longínquo com profundos deslocamentos. Apontou uma crítica aos modos avassalantes racionais da civilização do homem branco, os povos da mercadoria.

Não obstante, o encontro que tive com Davi Kopenawa, promovido pelo Grupo Ritmos, ocorrido no Sesc-Sorocaba, reforçou meu pensamento sobre a valorização da cultura do hemisfério sul do planeta, pois, diante da epistemologia hegemônica – a razão instrumental que penetrou progressivamente nas esferas sociais, políticas e econômicas, que sacrifica a cultura, a liberdade, os modos de ser, sentir e viver das pessoas em prol da lógica produtivista, acumulativa e competitiva do mercado, do capital – questioneimei-me: o que tenho feito para que o céu não caia?

Mas e quando o céu caiu, feriu, matou e entristeceu o Japão? Em maio de 2019, na Universidade de Sorocaba, os relatos de Takashi Morita e Kunihiko Bonkōha, sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki, atravessaram-me e me fez sentir a mensagem de paz que eles transmitiram. Percebi que o discurso da impossibilidade de transformar o mundo é um discurso de acomodamento que se materializa na desistência de mudança. Com a leitura da obra “Hiroshima e Nagasaki”, de Marcos Reigota (2015), com suas percepções relatadas por meio de fotografias e das celebrações pela paz ocorridas em ambas as cidades, avigorei as minhas reflexões a respeito das práticas ecopacíficas.

Do mesmo modo, as narrativas sobre a bomba atômica me levou a refletir sobre a educação para a paz. Nessa esteira, o trabalho da

disciplina Cultura e Meio ambiente, proposto pelo Prof. Dr. Marcos Reigota, possibilitou-me ampliar sobre a paz. A título de esclarecimento, o trabalho consistia na escrita acerca do encontro dos líderes Raoni, um indígena, com o Papa Francisco.

Ao observar a imagem do afetuoso abraço, tive a sensação mais pulsante de paz! Os discursos dos líderes estão alinhados com o social, o respeito à diversidade dos povos e credos, a luta contra as injustiças sociais e territoriais. Reconheço que a paz não se limita à ausência de violência e de guerra, e o desarmamento em si não proporciona a paz. Seria a paz alcançada por meio de uma educação que nutre o senso de responsabilidade pessoal, social e planetária; de um trabalho direto, construtivo com grupos de pessoas em processo educativo, em todos os âmbitos, pois, acredito que a natureza nos integra ao mesmo tempo em que a integramos. Por isso, todos nós pertencemos a uma ecologia planetária de origem comum e seguimos caminhos concomitantes.

Outro aspecto que me sensibilizou foi o contato com o artista Bene Fontelles, mediado pela Professora Alda Romaguera. De mais a mais, o Grupo Rítmos e o Coletivo Rítmos de Pensamento, no Sesc-Sorocaba, o curso Modos de viver sustentáveis, em 2019; a visita à Pinacoteca, ao Museu de Arte Moderna e ao Museu Afrobrasileiro me despertou para o conhecimento popular. Se não bastasse, instigou-me a me (re)colocar em contato po(ético) com a natureza e com os povos e também a abster-me dos conceitos e usos convencionais, que enquadram os seres humanos em gaiolas.

Nesses caminhos artísticos, o “36 Panorama da Arte Brasileira: Sertão”, exposição coletiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo, apresentou-me habilmente um sertão que se opõe ao que é divulgado pela mídia, uma região quente, seca, infértil, sem vida. Os artistas apresentaram uma estética colorida, envolta de outros fazeres, saberes e caminhos que estampam minuciosas preciosidades culturais.

As apresentações artísticas fogem do convencional e dialogam com a minha vivência em terras maranhenses, porque o sertão a que me refiro é diferenciado, por ter significativos cursos d’água – um bioma de transição entre a Amazônia e a Caatinga, com predominância do Cerrado.

Ademais, os grupos de estudos dos quais participei no Programa de Pós-graduação em Educação reforçaram as bonitezas dos modos de estarmos no mundo, o pertencimento político, pedagógico e ético nos espaços que ocupo e meus posicionamentos como cidadão. Estar no mundo é estar ciente do meu percurso social com os dos outros, é subsidiar escolhas, reconhecer lutas e trajetórias. As leituras, os debates, as reflexões e os posicionamentos (com)partilhados na formação do doutorado incitaram-me a criatividade, novos modos de produzir menos enrijecidos que é subversiva a proposta cartesiana/positivista.

Nos encontros do grupo Perspectiva Ecologista de Educação, sempre éramos advertidos de que o nosso papel de professores e pesquisadores nas universidades não se resume ao compromisso de publicar, pois, cada ação que temos de educador-educando e de educando-educador adquire significados políticos em cada gesto, palavra, sentimentos e silêncios. Estes, por sua vez, podem desestabilizar a ordem econômico-política vigente e o totalitarismo do estado e das relações cotidianas.

A respeito da realização da pesquisa da tese, informo-lhes que será nutrida de silêncios, angústias, pensamentos, sensações, posicionamentos textuais produzidos [alguns foram publicados, outros produzidos e (com)partilhados com os colegas e professores nas disciplinas e nos grupos de estudos]. Todos estão presentes na produção da tese e percorreram diferentes espaços, os quais contribuíram para a minha formação como educador e pesquisador.

Anas, nessas palavras grafadas estão algumas rotas que percorri no doutorado em Educação. Nos (des-re)encontros tenho aprendido bastante, principalmente com o cotidiano nas relações entre a arte e a vida, e o atravessamento da imaginária linha tênue entre as duas. Isso indica que estou vivo, vivo estamos, vivos estaremos retumbantes, resistentes e reluzentes. Vou mantendo-lhes atualizadas sobre os meus percursos...

Cuidem-se!

Leonardo Bezerra

CARTA
A VIRADA METODOLÓGICA E AS ARTES DE FAZER

Sorocaba-SP, 30 de novembro de 2019.

Estimado Jotapê

Preciso lhe falar o quanto estou contente com as aulas que tive no doutorado e o quanto elas resgataram lembranças e aprimoraram em mim o pensamento metodológico, as formas de produzir conhecimentos. Enfim, foi uma verdadeira virada epistemológica.

Início convidando a criança que habita em mim, aquela que compreendeu que as relações espaciais, geográficas foram aprendidas com as vivências. Rememoro as aulas de cartografia na quinta série; elas desbravaram a noção de espaço ao me ensinar sobre representações matemáticas, instrumentalizando-me, de modo introdutório, com mapas e suas linguagens. Os estudos cartográficos começaram em minha vida através de escalas de mapas, aplicações de escalas e pequenos cálculos, os quais, com o tempo, tornaram-se vazios de significados. Porém, a atividade que a professora solicitou sobre a representação do espaço percorrido da escola até a minha casa foi uma forma de me situar geograficamente às questões espaciais. Meu nome foi colocado de ponta-cabeça na folha.

Recordar essa passagem evocou as lembranças da viagem que fiz para Bahia Blanca, na Argentina, para participar da "XII Bienal del Coloquio Transformaciones Territoriales – Interrogaciones y desafios em las territorialidades emergentes". No saguão da Universidad del Sur, enquanto os colegas e eu fazíamos o credenciamento para o evento, ouvi um grupo de jovens discutindo sobre a de(s)colonialidade e citaram a obra de arte intitulada "El norte es el Sur", de autoria de Joaquim Torres García, artista plástico uruguaio, que faz a representação do mapa invertido da América do Sul. Subitamente voltei minhas reflexões à minha prática como professor de metodologia científica e tive a sensação de que a repetição das teorias me envolvia no mecanismo pedagógico de uma metodologia disciplinadora, que

segue um protocolo para alcançar o conhecimento conforme as regras científicas colonizadas. Como professor de metodologia, sentia algo atraente com a leitura teórica dos métodos científicos.

Lado outro, com essa proposta, percebi-me violentado, por apenas seguir protocolos e não exercitar o pensamento epistemológico criativo.

As aulas no doutorado em Educação, em especial as aulas com a Professora Alda e com o professor Marcos, sensibilizaram-me e me transportou para os caminhos de uma perspectiva ecologista de educação, em seu sentido reflexivo e estético. Além disso, o contato com o livro “A Floresta e a Escola” despertou-me para uma visão de que a epistemologia antiga não atende minhas necessidades de ser-professor-pesquisador-no-mundo. Experimentei, com isso, a necessidade de ir além das teorias clássicas da metodologia científica e de me renovar como professor-pesquisador-no-mundo.

Aprendi que o papel do pesquisador vai além de seguir padrões positivados em teorias clássicas; esta postura passou a me estressar, a me ferir. Também compreendi que, no cotidiano das aulas do doutorado, conversando com professores e colegas, a existência de vários novos percursos para investigar.

Nos meandros da pesquisa, espero que possa compreender o cotidiano do campo no Sul do Maranhão, os sentimentos e as formas de analisar o campo frente às possíveis disputas de forças e poder. Para isso, é preciso investigar, é preciso aprofundar, é preciso me formar pesquisador. Foi necessário nutrir minha mente com modos de pensar-sentir, de aquecer a alma, alimentar os sopros criativos, ser os devires, as respirações, as inspirações, as transpirações, e fugir do estático. Nas fugas, urge ultrapassar as celas de silêncios, provocar pensamentos que ressoam os sentidos da vida, afastar-me das inquisições impostas e das alienações. Precisei juntar fragmentos partidos em bocados e unir-me em fagulhas que escorregam em sensações, cores e reflexões.

Na Universidade de Sorocaba presenciei giros de experimentações do florescimento dos corpos e das almas repletos de significados, movidos pelas curiosidades. No cotidiano da minha formação doutoral, atravessada de significados, potencializei uma missão para toda vida: o meu posicionamento ético, libertário e criativo. Nesse contexto, senti-

me como um forasteiro que busca fragmentos do cotidiano do campo com a escuta pedagógica estratificada – assumindo assim a figura de um arqueólogo dos camponeses. De mais a mais, considero que a população rural está fortemente definida, de modo empírico, por aqueles que vivem na terra [os camponeses do sertão] e aqueles que vivem da terra [os agronegociadores].

Com a escuta estratificada e com os modos de me relacionar com o espaço da pesquisa, que se encontra na minha bio:campo-tema (Bezerra, 2022), as narrativas orais, escritas, visuais e corporais são modos de organizar e comunicar situações vivenciadas. Nesses atravessamentos movidos pelos encontros, desencontros e reencontros, explicitam-se os meus posicionamentos e a minha obrigação política e poética, pois, as observações e conversas cotidianas permeiam as mais variadas formas de interação social, envolvida de riquezas e particularidades.

As riquezas dos sertanejos trazidas ao espaço público, oriundos das margens dos saberes hegemônicos, podem e devem ser valorizadas, já que são conhecimentos que partem dos sujeitos que vêm das margens e cooperam com as suas existências, transformações e o (auto)reconhecimento.

A leitura do Livro “Ecologistas” (Reigota, 1990) e as teses e dissertações orientadas por Reigota e Alda, na Uniso, assim como outras outros trabalhos orientados que seguem uma proposta criativa e libertadora da pesquisa me encorajou a adotar as narrativas ficcionais como modo de reformular e analisar os dados na visão qualitativa.

Para elaborar as narrativas ficcionais, embaralham-se dados e editam-se textos vivenciados no cotidiano, os quais apresentam o resguardo da identidade das pessoas e dos locais. Nessa edição, os episódios são entrelaçados à constituir cenários e pessoas [que podem ser] reconhecidas pelas pessoas, pois, nessas narrativas, as personagens foram criadas com fragmentos arqueológicos do cotidiano dos sertanejos os quais tive contato e (com)versei.

Apresento-me como um professor-pesquisador-no-mundo e como um sujeito social que compreende que o ato de pesquisar é um fenômeno político no qual o pesquisador se torna um núcleo organizador do

pensamento e é parte inseparável do percurso da pesquisa, por interagir com várias informações, produções, diálogos e outros atravessamentos que enriquecem a própria produção.

Abraços cordiais.

Leonardo Bezerra

CARTA
AS NUVENS E O RESTO DE TREVAS

Anápolis-GO, 26 de agosto de 2020.

Queridos leitores...

... faz quatro meses que estou próximo dos meus familiares, saí de Sorocaba para passar uma temporada em Anápolis por causa da pandemia do Corona vírus. Isso me fez pensar sobre o meu (re)conhecimento como sujeito existente, observador e imaginativo.

Há exatamente 39 anos, eu nasci! A primeira noção do meu mundo se revelou no cotidiano que permeava o ambiente em que (con)vivia, as relações com a minha família, com os cães que tínhamos em casa, com as plantas e com os pássaros que descansavam nas árvores do quintal.

Morei em um bairro próximo do centro da cidade de Anápolis, em uma rua íngreme estampada pela bisnagueira, pelo abacateiro, pelo jambeiro... Era comum os pássaros visitarem as árvores frutíferas... E também no jardim tinham as samambaias, as roseiras, os jasmims, as flores de maio. Era o típico quintal do interior de Goiás do meado do século XX, que aguçava a minha imaginação.

Sempre fui muito curioso e observador, apreciador do tempo, da natureza e dos acontecimentos. Com frequência despertava a minha sede por informações, explicações e saberes. Diferente do que se pensava à época – a curiosidade estava relacionada com maus hábitos como bisbilhotice, xeretice – sempre percebi que o fato de ser curioso me proporcionaria o acesso à aprendizagem, por despertar o meu prazer de descobrir, compreender e arquitetar o saber, por des/re/construir conhecimentos; é, como indicado no livro “Curiosidade e Prazer de Aprender”, de Hassmann (2006), o movimento das ideias.

Exercitar a curiosidade invita emoções, imaginações, intuições, aguça os ouvidos, acentua meus olhares, adelgaça o olfato e apura o tato, admitindo, conforme Paulo Freire (2016), no livro “Pedagogia da

autonomia: saberes necessários à prática educativa”, a formulação de um conjunto de hipóteses.

O cotidiano se inventa na formulação de hipóteses pela (re)leitura do mundo. São várias formas de lidar com caças não autorizadas pela ciência moderna. O cotidiano interpretativo, inventivo que, de certo modo, desafiava o futuro, por experimentar outras vidas, saía de mim e habitava espaços suspensos pela ausência, um espaço desocupado, aberto, fecundo, tornava-me singularidade incorpórea e me assumia sujeito de mim, exercia a liberdade estética do meu pensar e do existir, resistia “em devir sensações, escapa ao controle na criação de linhas, pontos, luzes” (Romaguera, 2010, p. 70).

Lembro-me perfeitamente como era estar deitado sobre as “Pedras de Pirenópolis” que cobriam o chão do quintal da minha casa. Ficava olhando o céu estampado pelas nuvens e me perdia no tempo. As sóbrias brisas carregavam as brancas nuvens de um lado para o outro como se fossem pedacinhos de algodão que dançavam de forma suave e ganhavam formas aguçantes na minha imaginação. O vento trazia outras nuvens, que, por alguns instantes, pareciam olhar fixamente para mim nesse fabuloso enigma das suas formas e imaginava o que elas poderia trazer de segredo para mim.

Nessa brincadeira, criava personagens, fecundava muitas estórias, narrativas fantásticas que, naquele momento, esbarravam na realidade inventiva. As nuvens em seus devires não me deixavam encarcerar por barreiras porque os ventos que as traziam, as (trans)figuravam e as levavam.

Quem, quando criança, não ficava olhando o céu e imaginando objetos, pessoas, animais nas formas das nuvens? Ops! Um momento... eu faço isso até hoje. E vocês já fizeram, ainda fazem?

Atualmente as “Pedras de Pirenópolis” que cobriam o chão não existem mais, mas o fitar do meu olhar continua apurado e observo as imagens que são formadas com as nuvens. Nessa atividade, pude sentir os aromas de infância e a minha boca encheu d’água, o que me fez remeter às caminhadas para outros cotidianos.

O meu cotidiano hoje é uma rua vazia, um silêncio devoluto que (re)afirmava a minha existência e a (sobre)vivência diante da pandemia

da Covid-19, um despertar para a realidade amuada e confusa, que me transporta ao poema "Mau Despertar", de Ferreira Gullar.

*Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum
Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho riscado
de hematoma
Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorre
uns restos de trevas*

Enquanto meus olhos insistem em escorrer restos de trevas, lembro que preciso intensificar minhas leituras e minhas formas de sentir o mundo. Preciso voltar para os meus estudos, ainda tenho uma tese para escrever.

Abraços,

Leonardo Bezerra

CARTA

O ISOLAMENTO SOCIAL ADENTRA SEM SER CONVIDADO

Balsas-MA, 18 de fevereiro de 2021.

Querida Rô, minha irmã.

Lembra-se quando éramos crianças? Pois é, as lembranças da minha vida são boas, principalmente as da infância. Digo isso porque, conversando com o Lucas, ele me perguntou como foi o meu primeiro dia de aula na escola.

Falei que foi em uma daquelas tardes estampadas com gotas de chuva de março que prenunciavam o fim do verão. Faltavam poucos minutos para ir à escola; estava ansioso por aquele momento por tomar conta de mim e espalhava pelo meu caminho alegria e muito sonho pelo meu primeiro dia de aula.

Disse a ele que, no meu imaginário, o ambiente escolar era mágico, um misto de cenários fantásticos das histórias que minha mãe contava à noite antes de adormecer. À primeira vista, a realidade não foi diferente, senti-me acolhido pela professora, conheci outras crianças tudo era novo para mim, e sempre lembrava as palavras que minha mãe dizia: "A escola é a sua segunda casa, e a professora é a segunda mãe".

Fui percebendo que os olhinhos do Lucas brilhavam em saber como o tio iniciou a sua vida escolar. Falei para ele que, ao retornar para casa, afoito, reuni os amigos de infância e simulei debaixo do pé de caqui uma sala de aula. Peguei o quadro, apagador e giz, fiz um desenho de nuvens de chuva, do sol, da escola e da minha mãe me levando até lá. Apresentei-me como professor, acolhi todos os amigos-alunos e ludicamente comecei a contar como foi o meu primeiro dia na escola. O interessante é que a meia dúzia de crianças sentaram-se no chão, ficaram ouvindo o que eu revelava para elas e mostrava os fatos desenhados no quadro. Curiosamente eu era interrompido com algumas perguntas, respondia-lhes e, orgulhosamente, sentia-me um professor.

O meu cotidiano de criança revelava a minha percepção inicial do mundo escolar, era uma situação social que saltava nas brincadeiras

como meio (re)criador e personificado pela representação da imagem do professor. Nesse percurso lúdico, raramente queria ser aluno; frequentemente estava à frente como professor. Os dias se passavam e, com certa assiduidade, estávamos no mesmo lugar novamente, com outras narrativas que eram personificadas nas aulas de desenho, de leituras, entre outras. Simulávamos o momento da chegada à escola, do recreio e do momento final da aula.

Atualmente vejo que a brincadeira que simulava a sala de aula foi um grande campo para as imitações e inspirações docentes. Meus amigos e eu assumíamos papéis, caracterizando-nos a partir dos nossos saberes e sentimentos, relevando, assim, a importância que o universo escolar era para nós.

O livro “Política e Educação”, de Paulo Freire (2001, p. 79), apresentou-me suas memórias de criança, de brincar de ser professor e o tornar-se professor. “[...] ‘brinquei’ tanto de professor na adolescência que, ao dar as primeiras aulas no curso então chamado de ‘admissão’ no Colégio Osvaldo Cruz do Recife, nos anos 40, não era fácil distinguir o professor do imaginário do professor do mundo real. E era feliz quando de fato ensinava”.

Contudo, percebi que ninguém nasce pronto, vamos fazendo isso nas vivências, na prática social. Fui me (des)construindo e me (re)construindo com a práxis social, histórica, política, pedagógica e humana. Ao me lembrar da narrativa de Paulo Freire, Lucas atravessou meus pensamento com a pergunta: “Leo, você brincou muito tempo de escolinha?”

Fui explicando para ele que o tempo foi passando, outras brincadeiras foram surgindo, mas eu não havia deixado de pensar em ser professor. Na adolescência, buscava salientar as características de professores marcantes e analisava os modos como os meus professores ministravam as aulas. Assim, as experiências que tinha como estudante aliadas à minha observação sobre as práticas docentes revelaram-se no compartilhamento com outros colegas, em que propunha que as ações poderiam ser melhoradas e reformuladas em conformidade com as circunstâncias nas quais a comunidade escolar estava inserida.

Resgatar essas lembranças me permitiu alçar outros voos, fez-me articular os atravessamentos bio:gráficos, que foram transformando o meu cotidiano em espaços resistentes de criação e formação. (Re)viver essa história reforçou a visão romântica que tinha da sala de aula e a minha inclinação natural para a educação. Nesse percurso, muitas tramas e histórias foram solidificando a minha vida formativa, pois a vida cotidiana apresenta-se nos sentidos e nos significados expressos ou silenciados, nos desafios das histórias mudas ou até então emudecidas na e pela vida ordinária, na minha [ausência] de produção de sentidos. A questão da produção do sentido relaciona-se com o uso que se fez da linguagem nas vivências, nas experiências com outras pessoas, no sentido dialógico, mas não necessariamente interativo, conforme apresentado por Mary Jane Spink (2010), no artigo "Linguagem e produção de sentido no cotidiano".

E você, minha irmã, lembra-se do seu primeiro dia de aula?

Amplexos,

Leonardo Bezerra

P.S.: Estamos em plena pandemia da Covid-19, já pensou se passássemos por essa pandemia no final da década de 1980 e na década de 1990? Teria sido muito mais complexo cumprir nossas atividades educativas escolares!

CARTA
VISITA NOTURNA

Sorocaba-SP, 1º de outubro de 2020.

Queridos ecologistas, cumprimentos pedagógicos!

Estou novamente em Sorocaba, a minha permanência aqui não será extensa, pois logo retornarei à Anápolis, agora com meus livros e outras coisas que aqui deixei. Mais uma vez estou me mudando e tenho atendido aos protocolos sanitários de higiene para me prevenir da Covid-19.

Escrevo-lhes porque careço falar que numa dessas visitas noturnas, em que a insônia resolve aparecer, decidi buscar o que as aulas do segundo grau [ensino médio] colaboraram para a minha formação ecológica.

As aulas de biologia apresentaram-me as aventuras da vida na Terra, pelas descobertas feitas para desvelar os mistérios da vida, o seu respeito e a integração dos seres humanos com o ambiente. A biologia com as suas várias subdivisões foi apenas com o "logos" da "oikos" e suas complexas inter(relações) multidisciplinares nas interações entre os seres vivos e o meio ambiente.

Os poemas de Cora Coralina vão ao encontro das inquietações ecológicas da sociedade pós-moderna, como apresentado nos poemas: "O Cântico da Terra"; "Mensagens de Aninha"; "A flor"; "A lenda do trigo"; "Poema do milho"; "A gleba transformada"; "Assim será minha vida"; e "Oração do Milho". Esses poemas apresentam apaixonadamente a goianidade da autora pelo lugar, pela vida do campo e pela sua integração mais profunda com a natureza. Esse telurismo contribuiu para direcionar as minha atenções para o cotidiano vivido.

Bernardo Élis, em seus livros: "Veranico de Janeiro", "Caminhos e descaminhos", "Ermos e gerais", "O tronco" permitiu-me, com a sua literatura, o conhecimento sobre a ocupação dos espaços isolados, vazios e distantes dos grandes centros urbanos. As referidas obras

mencionavam as representações paisagísticas, os elementos naturais e as relações humanas com o meio ambiente nas interações harmônicas e conflituosas.

Por outro lado, no meu percurso escolar, as disciplinas de história, geografia e literatura potencializaram as minhas capacidades de questionar os propósitos da humanidade. Ao mesmo tempo, as ciências biológicas, exatas e da terra atingiram os propósitos abalizados.

Entre os caminhos trilhados no cotidiano escolar, as informações foram se ampliando. Percebi, nas aulas de história, no ensino fundamental, que a unidade curricular não tem objetivo de historiografar verdades absolutas, pois ela serve como forma de proporcionar a conscientização humano do nosso passado para transformar o nosso cotidiano, para construir uma sociedade digna, justa e livre. Mesmo que os fatos do passado sejam definitivos, as conclusões dos estudiosos jamais os são, porque os historiadores trabalham para o seu tempo, circundados por determinadas perspectivas.

Pensar sob determinada perspectiva é posicionar-se no mundo. Essa posição foi potencializada nas aulas de geografia, quando percebi que o cotidiano – do ponto de vista do espaço da sociedade humana – é um dos objetos de estudo da geografia, haja vista que tudo no espaço cotidiano depende dos seres humanos, da natureza e das (re)construções que nos rodeiam. Certeau (1998), no livro “A invenção do cotidiano: artes de fazer”, adverte que o espaço é a prática do lugar, são os modos como as pessoas o transformam a partir das suas ocupações, apropriações e vivências.

Os lugares são histórias em estilhaços que se mostraram em passados roubados à legitimidade por outro que se encontra(va) em estado de quebra-cabeça. Pela perspectiva dos meus itinerários cotidianos, compreendi que, para ser cidadão, devemos refletir sobre o nosso ambiente para que possamos integrar ativamente as suas transformações. Estudar geografia me possibilitou empreender algumas reflexões sobre as relações dos seres vivos entre si e com o ambiente em que estão inseridos.

No meu cotidiano escolar, compreendi teoricamente aquilo que vivenciava nas minhas relações com as pessoas e com o ambiente que vivia. A complexidade da sociedade globalizada, na qual os processos sociais, econômicos, políticos, tecnológicos e culturais se transformam com uma rapidez espantosa, de uma forma ou de outra, tornam invisíveis os saberes locais.

O que têm vocês para compartilhar sobre a complexidade da sociedade globalizada, que tem valorizado os aspectos econômicos em detrimento dos humanos em plena pandemia da Covid-19?

Fico no aguardo das respostas.

Abraços cordiais,

Leonardo Bezerra

CARTA
AS MINHAS FORM(A)ÇÕES ACADÊMICAS

Uberlândia-MG, 1º de outubro de 2020.

Querida Jú, minha afilhada e sobrinha.

A internet é uma maravilha, né? A internet ampliou as ações comunicativas e o intercâmbio educativo e cultural; revolucionou os modos de comprar e de realizar transações financeiras; as redes sociais representam os relacionamentos profissionais, afetivos e de entretenimento. Com ela encurtamos distâncias, circulamos textos, compartilhamos imagens, encontramos amigos, colegas, pessoas que inspiram, fazemos compras, transações bancárias, assistimos a vídeos, fazemos chamadas, assistimos aulas e muitas outras variedades de atividades podem ser realizadas.

Partindo de Sorocaba rumo a Anápolis, decido parar para descansar em um hotel, em Uberlândia-MG. Após o jantar, recebi uma mensagem de uma querida aluna pelo WhatsApp. Como eu estava cansado de dirigir, decidi responde-la com uma mensagem de voz pelo aplicativo. Na mensagem ela perguntava sobre a minha decisão para a escolha do curso de Filosofia.

Comecei a minha fala com um recorte bio:gráfico, informando que a minha vida ordinária na academia universitária se iniciou por meio dos encantamentos com o avanço e a popularização das tecnologias digitais, a partir daí decidi cursar Ciência da Computação, na PUC-Goiás.

O curso de Filosofia não foi a minha primeira opção. Com o passar dos dias, o que antes era saboroso – acordar na manhãs frias de maio – tornou-se uma trêmula dúvida pelos caminhos percorridos. Entre inseguranças, indiferenças com a área tecnológica, a pulsão do desejo de mudança envolvia o conjunto dos meus pensamentos. Nas disciplinas cursadas na graduação, não conseguia assimilar e aceitar como óbvios e evidentes os conceitos e as teorias; coloquei em xeque meus sentimentos, comportamentos e a minha existência cotidiana. Em

meio a esse percurso ainda cursava disciplinas que não me agregava conhecimento significativo [eram disciplinas positivistas e muito instrumentalizadas].

Ainda na graduação em Ciência da Computação, ingressei na disciplina “Filosofia da Ciência”; nela encontrei conteúdos que despertaram a minha capacidade imaginativa, reflexiva e potencialmente indagadora, além de me identificar bastante com a prática docente do professor. Com os conteúdos trabalhados na disciplina, pude enxergar que os seres humanos estão diante da necessidade do possível, que, por sua vez, está implícita na existência da liberdade.

Alquebrado pelos meus (des)encontros nessa graduação, (re)encontrei-me na área das ciências humanas. Entre pensamentos e reflexões, optei por conhecer o que se estudava no curso de graduação em Filosofia, pois, na minha formação escolar de segundo grau [ensino médio], a matriz curricular não contemplava as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tendo em vista o contato com as aulas de Filosofia no ensino superior e os (des)encontros que se entrelaçaram pelos corredores com os colegas de sala e de curso, os caminhos da formação em computação faziam, cada dia, pouco ou nenhum sentido para mim. A partir daí, decidi estudar pouco mais [e por minha própria conta] até criar coragem e romper o cordão umbilical com o curso de Ciência da Computação. Daquela grupo fui o primeiro a romper a atadura e seguir caminhos até então desconhecidos profissionalmente. Não tive medo, conheci pessoas, senti saudades, alegrias, euforias, felicidades, decepções, ilusões, tormentas, enfim, vivi!

A escolha pela filosofia foi uma (re)conexão com o mundo, por meio dos livros, dos pensamentos, das pessoas, das coisas. Apaixonei pela Filosofia por conseguir compreender as minúcias dos saberes, por (re)aprender a ver o mundo. Os contatos iniciais que tive com o curso de Filosofia potencializaram as minhas capacidades investigativas, por me fazer examinar as raízes dos saberes e dos conhecimentos [na perspectiva do todo] e relacionar os seus diversos aspectos. A Filosofia se renova a cada dia, em cada desafio há novas formas de ver e entender o mundo, pelas margens ou não.

“E a respeito do mestrado, professor, o que tem a falar sobre a sua formação?” indagou a estudante de modo curioso e atenta com a minha bio:grafia.

Em 2005 conquistei o título de Licenciado em Filosofia. Decido cursar uma pós-graduação lato sensu em Docência Universitária, na Faculdade de Goiás. No decorrer do curso, apresentei com três colegas o artigo científico intitulado “A transformação da Escola Técnica Federal de Goiás em Centro Federal de Educação”. Antes de concluir a especialização, me inscrevi para a seleção do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente [Mestrado], na UniEvangélica. Escolhi ingressar no mestrado, por focar os estudos na compreensão das dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais com os modos de organizações sociais, a ocupação espacial, a preservação dos recursos naturais, os princípios de sustentabilidade, de governança, de legislação ambiental e, sobretudo, da educação ambiental.

Os professores tinham as mais variadas formações, nas áreas sociais, humanas biológicas, tecnológicas e exatas. Os colegas do curso eram graduados em Sociologia, Enfermagem, Matemática, Fisioterapia, Letras, Ciência da Computação, Direito, Economia, Administração e, eu, em Filosofia. As aulas aconteciam de forma multidisciplinar, dois professores, com formações diferentes, trabalhavam ao mesmo tempo com uma disciplina. Essa proposta foi relevante, já que compartilhávamos ideias, teorias, olhares e reflexões das diversas áreas formativas e dialogávamos com a área ambiental.

Na minha passagem pelo Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, conheci o livro “O que é Educação Ambiental”, de Marcos Reigota (2006). No livro ficou salientada que a Educação Ambiental está além da solução dos problemas ambientais e indica que, nesse pensar, busca a formação de cidadãos conscientes, reflexivos, críticos e éticos.

A minha dissertação “Educação Ambiental no ensino formal: o caso das licenciaturas da UniEvangélica” (Bezerra, 2008) foi elaborada sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Pietrafesa e defendida no segundo semestre de 2008, período em que já estava

trabalhando em Balsas. Esse período foi proveitoso para construir-me como sujeito epistêmico.

Em razão do campo em que trabalho na universidade, a educação, mais precisamente, a formação de professores, percebi a indispensabilidade de revisitar a graduação, assim, decidi cursar Pedagogia para melhor alavancar as minhas atividades docentes e renovar os fundamentos epistemológicos da minha práxis pedagógica na universidade.

A estudante perguntou se tinha algo a acrescentar e eu disse que rememorar esses fatos me fez lembrar do poema de Fernando Pessoa (1999, p. 11): “Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas nele é que espelhou o céu”. Em seguida, a estudante se despediu e agradeceu pela atenção. Então, fique a pensar: E mesmo assim a internet continua boa, mesmo com as desvantagens que (ou)vimos na mídia, como por exemplo, as fake news...

Portanto, Jú, pense em trilhar a sua bio:grafia sendo autora da sua própria história, não deixe-se alienar.

Com afeto,

Leonardo Bezerra

CARTA
AROMAS, SABORES E LEMBRANÇAS...

Presidente Prudente-SP, 11 de novembro de 2019.

Queridos ritmeiros, saudações pedagógicas!

Nas minhas idas para o sertão, além de conhecer as paisagens, sempre fui enriquecido pela atenção, pelo afeto, pela cordialidade dos sertanejos. Pessoas de mesa farta, que partilha com a gente o que têm de melhor.

Considerando que é um povo que mantém viva a cultura, os modos de ser e viver, coordenei um projeto de extensão com foco no cotidiano educativo pelo eixo da gastronomia maranhense, intensamente atravessada por diversos sabores, aromas, textura e lembranças dos hábitos nativos e também pelo sabores padronizados da era globalizada – os fast foods.

Em tese, o projeto foi fruto de uma simbiose entre os relatos das idosas sobre os seus cotidianos da infância e também considerei a minha vivência em casa com a alimentação influenciada pela culinária nordestina.

Escolhi a gastronomia como um dos fios para conduzir a pesquisa e por acreditar que o tema aguça boas lembranças da infância e da mocidade, bem como indicar pistas para a cultura do sertão. A respeito da culinária balseense, ela recebe influências dos demais estados do nordeste, norte e sul do país, além de outras que atravessam a cultura alimentar, seja impulsionada pela mídia, seja por viajantes/turistas que as apresentam.

Partindo do tempo aiónico, as conversas prosseguiram em uma tarde ensolarada, regada por boas conversas sobre as preciosidades herdadas e transmitidas de geração-em-geração, movidas por percursos históricos que inspiram valores, estimularam o exercício da cidadania e proporcionam a continuidade no tempo. Do desejo, abrimos as portas e a diversidade alimentar ecoou pelas vozes, pelo desejo de (re)-vi-ver os aromas e os sabores.

No sertão maranhense, devido as condições climáticas, a carne de sol, o arroz, o milho, a rapadura, a macaxeira e seus derivados são ingredientes bastante populares. Fico a imaginar quando Pero Vaz de Caminha aqui chegou e teve contato com os indígenas, deve ter saboreado a macaxeira, a puba, o beiju, as carnes de caça e as frutas tropicais. Mesmo eu sendo goiano, existia uma comunicação cultural e alimentar intensa com o Maranhão, sou filho de pai maranhense e conhecia alguns costumes cotidianos na vida de lá. De lá, apreciei o buriti, o açaí, a bacaba, a juçara, o bacuri, o cupuaçu...

Via de regra, os hábitos alimentares do sertão guardam segredos registrados na memórias das pessoas, assim como os fragmentos de lembranças que integram o ambiente, como o amanhecer, o entardecer, o anoitecer, o cantar dos pássaros, os sabores e aromas dos alimentos, os brilhos das estrelas estampadas em noite de luar, o sair a galopar nas terras do Cerrado que somem da vista e se unem ao azul do céu.

Os frutos do Cerrado maranhense ecoaram nas falas das sertanejas como perfumados e de uma maravilhosa gustação. É assim o doce sabor das mangas que lambuzavam as bocas secas dos sertanejos; a beleza e a textura dos cajus que as crianças carregavam nos bolsos e, mais tarde, torravam na fogueira as castanhas para comê-las salgadinhas; os doces de buriti, cajuí, laranja, banana, jambo e muitos outros.

Atualmente, existem casas sertanejas que possuem utensílios e eletrodomésticos necessários para o bem-estar e conforto da família, mas foi muito lembrado pelas anciãs do sertão que as moradias da infância eram simples e possuíam poucos utensílios sofisticados. Na cozinha, o fogão a lenha, o pote de cerâmica que guardava água fresca e a colher de pau eram presenças no ambiente, assim como as cumbucas, cabaças e gamelas. Na sala estampavam nas paredes ornamentos de cunho religioso, como imagens de santos entalhados na madeira, feitas de palhas... Com frequência, os discursos das mulheres apontam que os sertanejos se alimentavam sob árvores, no terreiro, ou sentado no chão, em redês, e também em tamboretas.

Mesmo com os móveis, eletrodomésticos e eletrônicos, ainda encontram-se artigos pretéritos que compõem a cozinha sertaneja,

como o pilão de pau para pilar o arroz, o milho, a carne de sol e a farinha de puba [para fazer a paçoca de carne]; o pilão menor para pilar os temperos; a colher de pau de muitos tamanhos para mexer os alimentos, doces, massas de bolos... O ralo, a peneira [de taquara], o abano...

Culturalmente, a farinha de macaxeira, a tapioca, a rapadura, o açúcar, a carne bovina, de caça, o leite e seus derivados [manteiga e queijo], além do cuscuz [de milho ou de arroz] cozidos no vapor que deixava a massa ficar envolta ao pano [os modos de fazer variam de pessoa para pessoa], aqueciam os corações de toda família no café da manhã, junto com azeite de coco e/ou ovos fritos ou cozidos. O beiju, o bolo cacete e a rosca de tapioca eram comidas consumidas nas tardes ensolaradas e quentes do verão. No sertão de Balsas, não muito diferente do sertão nordestino, o cuscuz salgado de milho/arroz, carne de sol e a galinha ao molho pardo foram também relatadas pelas sertanejas.

No sertão era comum o uso de folhas de bananeiras para enrolar os bolos cacetes e estes seres assados no fornos à lenha. Esses alimentos eram assados em fornos de barro, que, muitas vezes, ficavam na cozinhas e até nos quintas; eram aquecidos previamente com folhas, gravetos da vegetação do Cerrado.

(Re)ver os pratos típicos do sertão balsense me fez “comer com os olhos” o beiju, o orelha de macaco, o bolo cacete, a rosca de tapioca, a paçoca de carne de sol e a maria-isabel. Cada um desses pratos me remete a diversas memórias, desde a infância até as de uma década atrás. As memórias aguçadas, a partir das imagens, fazem (re)saborear cada um dos alimentos do sertão que foram produzidos nos meus sentidos de modo privilegiado.

Minhas sensações alimentares, não raras vezes, iniciam-se pela visão, por ser um dos primeiros sentidos estimulados pela forma, pela aparência e pelas cores dos alimentos. Quando vejo as cores da maria-isabel muito consumida no sertão e na cidade de Balsas, com a carne de sol picadinha e bem fritinha com o arroz colorido [amarelo do açafrão-da-terra ou vermelho do urucum], o cheiro-verde, com a sua viva-cor-verde, os olhos ficam encantados. É impossível passar indiferente à

bela e agradável aparência colorida, a qual incita o meu prazer degustativo e me remete aos brilhos ensolarados do início da tarde calorosa de domingo.

Com os balsenses pude conhecer e degustar o bolo cacete, cuja textura ressecada esfarinha em cada pedaço, a textura úmida da rosca de tapioca, assada no forno de barro, o beiju – comida de origem indígena, tipicamente brasileira – ambos têm como matéria-prima a tapioca.

No sertão, vi uma sertaneja pisando [pilando] o arroz úmido para fazer a orelha de macaco. O soar do pilão ecoava na cozinha simples, envolta pelas frestas do sol no chão de terra batida, unificando com muita cadência os ingredientes. A massa foi pegando consistência, os cravos assados perfumavam todo o ambiente antes de serem fritos no azeite de coco, no antigo fogão a gás. O sorriso e os olhares se encontravam em expectativas de poder saborear mais uma vez esse delicioso “bolinho frito”.

Com as balsenses do sertão e da cidade aprendi a fazer a paçoca de carne de sol, pegando um “punhado de carne”, fritando com azeite de coco; depois de frita, seis mãos puseram a desfiar a carne e refogar com alho pisado [pilado], cebola picadinha e pimenta do reino. Sob o brilho das estrelas de uma noite calma, pudemos pilar a carne de sol junto com a farinha de puba. Sorrisos, suores e boas conversas envolveram o ambiente enquanto as crianças brincavam na frente da casa. No preparo da paçoca, o cheirinho do café coado na hora envolvia minha alma e me estimulava mais ainda em relação ao novo sabor do sertão.

Lembrar-me dessas comidas animou minha saliva por tudo que senti na textura e nos sabores, enfim, me “deu água na boca”. Com texturas secas ou úmidas, com temperaturas que oscilam do frio para o quente, dos (di)sabores salgados, amargos, ácidos, adocicados, tudo isso despertou-me lembranças, sensações e uma vontade irresistível de poder voltar no tempo e viver um pouquinho dos prazeres e bons momentos que as sensações agradáveis podem nos fazer mergulhar.

Nas conversas cotidianas fica esclarecida pelas senhoras do sertão o processo de aprendizagem no manuseio com alimentos. Elas

aprenderam com as mães e, conseqüentemente, ensinaram as filhas. O curioso é que as receitas não eram registradas de modo escrito, pois, à época, muitas não sabiam ler, mas atualmente, as suas filhas conseguem registrar em um caderno e até mesmo em arquivos digitais para não esquecerem.

Os saberes eram passados de uma geração para outra, assim como as receitas, não havia cadernos para registrar pesos e medidas; utilizavam a percepção e a textura dos ingredientes em uma mistura que, de certa forma, parecia inspiração divina. As sertanejas eram dotadas de grande capacidade perceptiva nas transformações dos alimentos, com a junção dos ingredientes e o manuseio até acertar o ponto. Isso demonstra altas habilidades na arte da culinária.

Os relatos nos apresentaram os sabores sobre os excessos alimentares: o abuso no consumo de manga provoca coceira na pele; o excesso de laranja causa ferida no bucho. Além disso, recebi dicas para alimentação, como por exemplo, preferir as carnes das aves fêmeas por serem mais macias do que as dos machos; quando a lenha não cozinha o alimento é necessário jogar sal no fogo para agilizar o cozimento; jamais pode ser acendido o fogo pelo centro da madeira e sim pela extremidade; nunca jogue água na brasa no final do cozimento, espere terminar e varra para o canto da cozinha. Também havia restrições no preparo dos alimentos, era recomendado que as mulheres naqueles dias [menstruadas] não podiam manusear ovos, carnes suínas e temperar galinha.

O gesto de uma senhora despertou-me a atenção: toda vez que ia cozinhar, o sinal-da-cruz era utilizado para afastar o diabo de vir zombetar na preparação dos alimentos.

Nos sertões sul-maranhenses, com destaque para o sertão de Balsas, com a chegada do Grande Projeto, os sojicultores do sul do país (re)ocuparam e (re)utilizaram os espaços de modos diferentes, trouxeram suas culturas, seus modos de ver, sentir e viver, diferentes dos sertanejos. Além disso, trouxeram pratos de sua culinária, como por exemplo, a cueca virada, a cuca, o chimarrão, a polenta, a broa de milho ou de fubá e os imigrantes conheceram o sarapatel, a maria-

isabel, o orelha de macaco, o vatapá, a panelada, entre outros pratos típicos do Maranhão.

Aliás, e você! Conhece algum desses pratos?

Abraços.

Leonardo Bezerra

CARTA
EXTENSÃO RURAL TRAVESTIDA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Em algum lugar do Gerais de Balsas, 22 de agosto de 2021.

Estimado Reigota, saudações cordiais.

Em vários anos trabalhando com o curso de Agronomia, na Universidade Estadual do Maranhão, em Balsas, nas vivências de sala de aula e em contato com múltiplas histórias trazidas por vários estudantes da disciplina Comunicação e Extensão Rural, reuni minhas antigas anotações registradas em papéis que amarelaram com o tempo e pude organizar uma micronarrativa que conta a história do sertanejo Zezo, que também estampam as páginas da minha tese (Bezerra, 2022).

Zezo, um cerratense sul-maranhense, mora na comunidade "Sonho Meu", localizada a 121 km da cidade-sede. Sua mãe, por muitos anos, exerceu as atribuições de parteira e foi uma exímia dona de casa e excelente cozinheira. Zezo é o primogênito dos seis filhos, nasceu antes da chegada do Grande Projeto e, desde cedo, auxiliava seu pai na lida da plantação de Macaxeira.

Como a maioria das escolas está na cidade, concluiu o antigo primário, o que equivale à primeira fase do ensino fundamental. É casado com a D. Nora e pai de três filhos, um estuda Agronomia, o outro estuda Administração e a caçula está para concluir o ensino médio.

Zezo e seu pai sempre trabalharam na roça, plantando macaxeira e outras pequenas culturas como cheiro verde, alface e couve, além de criar galinhas para consumo próprio. Pensando na mudança de área produtiva, decidiram investir na criação de suínos e de galinha caipira, uma vez que o cultivo da macaxeira não estava proporcionando sustento econômico para a família.

O consumo da carne de porco, da pele, da banha aumentou consideravelmente na cidade. No início, apesar de pouco

conhecerem sobre a criação de porcos, iniciaram a criação em sistema extensivo, em que os animais ficavam soltos na propriedade para se alimentar e a ração era fornecida somente uma vez ao dia. Depois, com a ampliação dos pedidos de compras, passaram a criar os animais em sistema semi-intensivo, no qual os animais já não ficam soltos na propriedade e eram acomodados em espaços menores; a alimentação passou a ser realizada duas vezes ao dia com o uso da ração.

A família de Zezo criava aproximadamente 80 animais. Mesmo em condições mínimas para a criação de suínos, a propriedade tinha uma boa produção. Com o acesso à internet pela conexão de dados móveis, foi visto novas raças de porcos, que pareciam ser mais vantajosas do que a criada pela família. Decidiu conversar com seu filho, que estudava em outro estado, para pedir opinião.

Com essas conversas, que duraram horas, ficou decidido que iriam ser trocadas pela nova raça. O processo iniciou lentamente, porém, 2 anos e meio depois, já estavam com toda granja suína renovada. Após alguns anos, perceberam que os animais não estavam alcançando o peso ideal para a raça. Esse período coincidiu com a formatura do primeiro filho, Engenheiro Agrônomo. Notaram que as matrizes estavam parindo com poucos animais, leitões magros, fracos e desnutridos e até mesmo semi(mortos), além de verificarem que o leite não proporcionava uma alimentação que garantisse a sobrevivência plena dos animais.

Sob o auxílio do seu filho agrônomo, Zezo buscou assistência técnica e levou todos os questionamentos a um zootecnista. Com a descrição dos problemas, ficou acordada e agendada uma visita à propriedade para prestar os serviços de extensão rural. Alheio aos negócios da família, o filho viaja para pleitear uma vaga em uma empresa multinacional de comercialização de grãos, por esse motivo não acompanhou a visita na propriedade da família. No percurso da visita, o zootecnista observou as instalações e perguntou ao Zezo sobre as formas de manejo que ocorriam na granja, bem como as atividades cotidianas realizadas.

O contato inicial com o zootecnista fez com que Zezo apresentasse a sua necessidade e falasse acerca dos motivos pelos quais deixou de cultivar macaxeira, da primeira raça criada, da forma com que eram criadas, das doenças, dos tratamentos, do controle fitossanitário, da entrada de visitantes, entre outras informações. O zootecnista coletou sangue e fezes para a realização de exames.

Em posse das informações coletadas e dos resultados dos exames, o profissional de extensão rural apresentou procedimentos e treinamentos técnicos. Posteriormente, explicou que o problema surgira com a substituição de uma raça mais rústica por outra que requer mais cuidado. A raça rústica se adaptava às condições e instalações mínimas da granja. Já a nova raça carecia de mais cuidados para explorar o máximo da produção.

Diante disso, e com o auxílio do extensionista, realizou algumas mudanças nas instalações e no manejo, por exemplo, ampliação das instalações, melhora da temperatura dentro da granja, fornecimento de alimentos mais nutritivos e rações específicas, higienização diária da granja para evitar a proliferação dos patógenos, entre outras. Se forem seguidas essas recomendações, não carece de voltar a criar animais da raça anterior, basta, pois, melhorar a estrutura e o manejo dos animais conforme as especificidades da raça dos suínos.

Apesar de o profissional extensionista ter dado abertura para o produtor falar de sua história de vida e suas dúvidas sobre a suinocultura, ele prestou um serviço em que se colocou como portador de um domínio técnico-científico capaz de proporcionar orientações eficazes, pois o produtor carecia de informações, instruções para que o problema fosse solucionado, com base em comprovações incontestáveis. Acredita-se que é necessário (re)ver as atribuições do extensionista, pois ele é educador e não apenas como o adestrador de técnicas. Dito de outro modo, seu ofício não se esgota no domínio técnico, porquanto, conforme Paulo Freire (1985), "a capacitação técnica é mais do que o treinamento, porque é busca de conhecimento, é apropriação de procedimentos.

Não pode nunca reduzir-se ao adestramento, pois que a capacitação só se verifica no domínio do humano”.

No entanto, meu estimado orientador, encerro esta carta com uma pergunta: Será que essas atividades de comunicação, extensão e assistência técnica no campo são permanentes ou apenas são realizadas esporadicamente nas comunidades do sertão?

Abraço

Leonardo Bezerra

CARTA
EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Balsas-MA, 29 de junho de 2021.

Estimada agrônoma, minha primeira orientanda no curso de Agronomia, saudações cordiais.

Acordei e decidi escrever-lhe esta carta para recordar da época que estava orientando a sua monografia e das suas duas colegas de turma. Lembro-lhe dos nossos encontros na Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, para discutirmos sobre as produções das monografias.

Com essas lembranças decidi revistar arquivos digitais antigos e abrir os arquivos da minha memória. Notei que em um dos vários encontros conversávamos bastante sobre as atividades que vocês desenvolviam como estudantes de Agronomia.

Nunca esqueci das várias informações trazidas sobre as práticas de tornarem-se Agrônomas. Reuni as memórias das narrativas que trouxeram para mim e das minhas observações no percurso de conhecer o chão sertanejo. Ajuntei o que foi me dito por vocês, pelo que ouvi na sala de aula com várias turmas de Agronomia, e com o que pude perceber ao caminhar pelo sertão que em uma comunidade que fica no baixão da chapada, distante mais de 150km da cidade-sede, a horticultura comunitária é a principal produção sertaneja. As famílias que ali vivem careciam da assistência técnica, além disso, precisavam de incentivos para poder melhorar a produção e deixar de agredir o meio ambiente e comprometer a qualidade de vida de toda comunidade, com o uso indiscriminado de agrotóxicos.

As atividades desenvolvidas pelos estudantes de Agronomia nessa comunidade foram fundamentais para poder proporcionar a mudança nos modos de produzir. Os estudantes partiram do princípio de que, para cultivar uma horta, é necessário considerar uma série de conhecimentos técnicos e científicos, além de considerar os modos agroecológicos para a produção de hortaliças.

Entre os fatores importantes, há o local para preparar os canteiros, a disponibilidade de água, a análise e adubação do solo. Também são necessários tratamentos como capinas, irrigação, adubação orgânica e medidas preventivas para controle de doenças e pragas, visto que as práticas agroecológicas se fundamentam em ações sustentáveis.

Primeiramente, os estudantes foram para a comunidade e apresentaram na reunião, ocorrida na escola do campo, o projeto para a comunidade, que também já se mostrava interessada em potencializar suas produções. Foi proposta a ideia de hortas que valorizam o orgânico.

As atividades realizadas com a comunidade do sertão foram educativas porque os estudantes ensinaram aos camponeses do sertão algumas técnicas agroecológicas e conscientizaram sobre os riscos do uso e manejo dos agrotóxicos para eles e para aqueles que se alimentam da produção.

Aconteceu a escolha do novo local para plantio e das melhores variedades que se adaptam ao clima e apresentam características organolépticas desejáveis, bem como informou-se aos horticultores o escalonamento do plantio, o controle de qualidade da água e dos adubos orgânicos para evitar a contaminação da horta por bactérias, fungos e pragas como lesmas, formigas, lagartas, pulgões...

Outras informações foram repassadas, a saber: o controle de doenças e pragas pode ser realizado com o uso de inseticidas naturais, que podem ser feitos na comunidade; valendo-se do uso de chá de hortelã, que protege contra insetos ao ser pulverizado sobre as plantas, existe a não toxicidade para as plantas e os humanos; o caldo de cravo-de-defunto pode ser plantado em hortas para repelir insetos devido ao seu aroma singular e acentuado; a plantação de cebola ao lado de outras culturas funciona como forma de combater pulgões e ferrugem, além de ser útil contra as lagartas que atacam beterrabas.

Sabe! Lembranças, lembranças e lembranças são relevos significativos, pois, recordo-me que tanto vocês quanto outros alunos do curso de agronomia acreditam que o processo educativo e de assistência técnica promovida por meio de palestras e trocas de experiências é crucial para melhorar a qualidade dos produtos, vendidos

em feiras livres da cidade, e para o Programa de Aquisição de Alimentos do município-sede.

No mais...

Despeço-me aqui com afeto.

Leonardo Bezerra

CARTA
MEMÓRIAS DAS SALAS MULTISSERIADAS

Guaraí-TO, 25 de fevereiro de 2021.

Queridas pedagogas-em-potência

A pandemia da Covid-19 tem afetado todas as pessoas do planeta, ainda bem que as tecnologias digitais de informação e comunicação tem amenizado as distâncias do isolamento social. Escrevo-lhe para contar o resultado dos encaixes de vários fragmentos de memórias em que coloco palavras nos lábios da personagem Darla sobre as experiências nas salas multisseriadas.*

Darla é uma estudante de um curso de licenciatura na universidade. Para ela, a educação acontece em qualquer lugar, em casa, na igreja, na sociedade, em contato com o mundo, e o fato de estarem todos juntos e misturados favorece o encontro com a diversidade de saberes, de aprendizagens, de troca de experiências cotidianas e a interação pode acontecer significativamente nas atividades socializadoras. As cooperações entre os colegas que estudam em níveis mais e menos avançados estimulam as trocas de ideias e de posicionamentos dos modos de ver o mundo, mediado pelo mundo, e interagindo com as professoras.

Nas salas multisseriadas, a ajuda pode acontecer mutuamente e o estímulo à leitura se desenvolve em contato com aqueles que já conhecem as letras, os sons e os fonemas... Os conteúdos podem ser trabalhados de forma a interagir com as necessidades dos estudantes e as professoras podem não favorecer a competição para saber quem era o melhor, pois ninguém tem o mesmo ritmo de aprendizagem e o trabalho em grupo é essencial para a socialização dos conteúdos e dos saberes. Além de envolver, desenvolve um conjunto de capacidades que dialogam com os modos de ser, viver sentir o mundo.

Darla lembra com muito afeto da professora Nonatinha, pois foi a única no ensino fundamental que se importou com ela. Em suas

lembranças, o ambiente da aula da professora era um espaço de trocas diárias de experiências continuamente.

As aulas aconteciam no refeitório da escola, por serem um ambiente com boa luminosidade, menos precário e quente do que na sala de aula, e tinha uma linda visão do Cerrado. A brisa era motivo de inspiração para permanecer nas aulas, o cantar dos pássaros também.

A amorosidade da professora era encantadora, a didática era envolvida pela boniteza de ensinar. Paulo Freire já nos advertia que o ato de ensinar não se resume ao esforço de apenas transmitir o saber acumulado de uma geração a outra. Ensinar não é transmitir conhecimento, não é ver os estudantes como sujeitos subalternos e neutros, em que os professores escrevem nas linhas das suas vidas.

A professora Nonatinha me fez ver a boniteza da criação, do entendimento de mundo sem perder o rigor científico dos conteúdos, valorizou os conhecimentos trazidos de casa e com eles proporcionou diálogos e trocas de experiências no processo de ensinar e aprender.

Nas aulas de linguagens, a professora partia do princípio de que existe um movimento entre a realidade, a linguagem e as formas de apreender o mundo; ensinava as formas de capacitar com as leituras e com as pronúncias das palavras e das formas de escrever.

Ela, em uma das aulas, dinamizou a promoção da integração entre os estudantes para potencializar o relacionamento interpessoal dos estudantes e as formas de entender o mundo. A professora solicitou que a turma organizasse um círculo e explicou a oportunidade de aprender um pouco sobre o mundo um dos outros, pediu para que segurássemos a mão de um dos colegas que estivesse do lado. Após as duplas estarem com as mãos dadas, a professora fez par com um dos alunos, o Tião, que tinha uns 9 anos de idade.

Ela iniciou com a seguinte pergunta: “Como você vê o mundo hoje?” os alunos falavam e todos da turma ouviam atentamente como o mundo era visto por cada pessoa...

Chegou a minha hora de falar como eu via o mundo naquela época: “O mundo que vejo é meu, é um mundo de belezas, de brincadeiras no riacho, do trabalho do meu pai na roça e do cantar da minha mãe enquanto faz o almoço e eu, debaixo do pé de manga, fico

fazendo a lição. O meu mundo pode ser o mesmo mundo seu ou de todos nós”, foi mais ou menos isso que respondi.

Depois que um dos integrantes e todas as duplas falaram como enxergam o mundo, o colega que estava segurando a mão do outro foi solicitado que falasse, pela professora, como entendia o mundo do seu colega.

Todas as explicações foram feitas, das mais elaboradas as mais simples. No final daquela etapa, a professora falou como ela via o mundo e mostrou como via os mundos da turma. No final, ela separou a turma; os mais avançados deviam fazer uma redação sobre como a turma via o mundo, e aos menos avançados ela solicitou que fossem desenhadas as formas como viram o mundo.

Enquanto parte dos alunos desenvolvia as capacidades imaginativas e interpretativas por meio do desenho, os demais produziam textos orientados pela professora. Como éramos uma turma pequena, a atividade foi bem produtiva.

Nessa aula, a professora pôde trabalhar a importância de ouvir, de se posicionar sem medo de críticas, as capacidades de entendimento e de interpretação das falas. Em cada uma das palavras ditas, Darla pôde conhecer um pouco do dia a dia das crianças e esse movimento nos proporcionou ser pessoas mais reflexivas. Ah, já ia me esquecendo, seus colegas tinham entre 7 e 10 anos, e eu era a única aluna que tinha 13 anos e muita fome pelo saber...

Refleta sobre o potencial que tem esse enredo para a sua formação enquanto Pedagoga e vamos conversando, se quiser marcar uma reunião para discutirmos sobre as salas multisseriadas me avise.

Abraços acadêmicos,

Leonardo Bezerra

** No texto da tese o nome da personagem é Kã e neste livro foi substituído pela nome Darla.*

CARTA
FRAGMENTOS DE VIDAS REUNIDOS QUE
REVELAM HISTÓRIAS OCULTAS

Balsas-MA, 2 de agosto de 2021.

Queridos estudantes sertanejos,

Não posso guardar a boniteza da reunião de várias falas que foram ouvidas no chão-do-sertão, nas escolas, na universidade e nas comunidades sertanejas por onde pisei. É uma potência que emociona, que inspira! Trago nessa narrativa a decisão de alunos sertanejos que querem ser professores.

"Pai...Mãe... quero ser professor!" É o que ecoou pelas potentes vozes dos estudantes egressos das escolas sertanejas.

Muitos estudantes escolheram ser professores porque, inspirados nas práticas pedagógicas dos seus antigos professores, vivenciaram os sabores da docência. Ser um bom professor não é apenas ensinar, é despertar a curiosidade para entender o dia a dia e conectar com as teorias já estabelecidas. Ser professor é conscientizar-se cotidianamente!

Conscientizar inexistente fora da práxis, sem a ação-reflexão. A práxis desvela e transcende a realidade. A ação dos professores, quando envolta em ações dialéticas, possibilita a relação consciência-mundo. Isso é um compromisso histórico, político e pedagógico.

Assim, para muitos estudantes, os professores marcantes são aqueles que, além de terem um conhecimento aprofundado dos conteúdos, são agentes que não deixam o amor pela profissão se transformar em tédio, que ajudam os estudantes a alcançar a compreensão das coisas e dos fatos.

Ser professor pode motivar as aspirações de (re)construir um mundo melhor e mais justo. São sujeitos que, apesar da pouca valorização, insistem na formação dos discentes, ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Esses profissionais têm o poder de impactar o presente, de vislumbrar a construção de futuros sonhados e têm nos estudantes companheiros de jornadas, pois todas as profissões são

importantes, mas nenhuma outra é mais importante do que a do professor, cujo papel é imprescindível para fazer com que as pessoas se transformem e transformem o mundo. Os docentes são capazes de despertar sonhos, sensibilizar para as preocupações urgentes na economia, na política, na sociedade, no meio ambiente e nos diversos tipos de conhecimento.

Ser professor é movimentar-se em devires-viáveis, é professar, professorar e profe(sonhar).

Pai, mãe... Quero ser professor! Eles desempenham importantes papéis nas vidas das pessoas, de valor incalculável. A propósito, há estudantes que, por falta de oportunidade, acabam optando pela docência com o intuito de, posteriormente, fazer outro curso de graduação e, na prática profissional, acabam sendo mordidos pelo bichinho chamado 'bicho pedagógico', que nos faz apaixonar pela arte de ensinar e aprender.

A profissão de professor é a personificação da boniteza, "já que mais importante do que o conteúdo ensinado é o modo relacional que se vai imprimindo na subjetividade do aprendiz" (Fernández, 2001, p. 29).

É compreender que ensinar e aprender não ocorrem fora da curiosidade, da procura, da alegria e da boniteza. Do mesmo modo, o ensino dos conteúdos é ter coerência no viver – a coerência entre o que é dito, o que é escrito e o que é feito –, pois não estão no currículo dos cursos de formação de professores os modos de "ensinar-aprender a sermos humanos" (Arroyo, 2000, p. 55).

Queridos estudantes do sertão, ser professor é sonhar com mundos possíveis e agir-refletir para que o mundo se transforme. Ser professor é viver na intensidade do devir-professor com o seu tempo e com ações emancipadoras.

Por esses e por tantos outros motivos que serão construídos nos inéditos-viáveis é que alguns estudantes optaram ser professores por viver, compreender e dialogar com diversos mundos. É querer dizer: Pai, mãe, sou professor!

Pensem, reflitam, todas as profissões são importantes, todas tem sua singularidade e particularidade, não quero impor e nem mesmo

obrigar vocês a serem professores, mas trouxe aqui nesta carta o quão é importante escolher conscientemente uma profissão, como foi o caso desta narrativa que trouxe-lhes sobre a importância da profissão-professor para as transformações em vários segmentos planetários.

Abraços de um professor,

Leonardo Bezerra

CARTA
A DESISTÊNCIA DOS ESTUDOS ESCOLARES

Tasso Fragoso-MA, um dia quente do mês de agosto de 2021.

Querida irmã kah, saudações...

Nas minhas várias andanças pelo chão do cerrado maranhense pude perceber que existem tramas que suspiram e reluzem por esse sertão. Na minha tese ficou grafada uma narrativa ficcional que trago aqui para lhe contar como é o cotidiano educativo que por aqui, na região, tem sido corriqueiro.

Nas comunidades onde não há oferta do ensino médio, aqueles que desejam prosseguir os estudos teriam que ir para a cidade. Ir para a escola urbana não era uma atividade fácil, pois não era sempre que os pais poderiam levá-los; outras vezes, iam para a rodovia pegar carona com caminhoneiros, outros ficavam à espera do ônibus escolar. Era desafiador, desestimulante e cansativo chegar à escola. Não era sempre que havia ônibus, o caminho era longo, alguns estudantes chegavam cansados e dormiam na aula. Outros pensavam que era melhor sair da escola e ficar trabalhando no sertão, pois acreditavam que seria melhor para eles e melhor para a escola, que não teria alunos improdutivos.

Para aqueles que não tinham condições de sequenciar os estudos ou para os que não os desejavam prosseguir, independente do motivo, os rapazes iam trabalhar no sertão com as suas famílias ou nas atribuições mais simples nas fazendas do agronegócio. Já para as moças, algumas procuravam "amigar" e não demoravam em engravidar. Uma delas casou grávida e reclama que é mais difícil associar um horário que atenda às suas necessidades, pois cuida dos pais, do marido, dos filhos. Para ela, a escola ainda tem horários muito rígidos e ela acaba por priorizar o que é mais importante no momento. A maternidade e o cuidado com os pais ocupam um tempo considerável e isso precisa ser levado em conta pela equipe pedagógica da escola, tendo em vista a realidade dessa estudante, por exemplo, a

adaptação das atividades escolares e a possibilidade de elas levarem os filhos para a escola.

Aqueles e aquelas que vão para a cidade estudar afirmam que os conteúdos das escolas não estão contextualizados com os interesses, os anseios e as expectativas para envolvê-los na ação educativa, são sujeitos educativos em contato com os professores e a comunidade, bem como em diálogos críticos e reflexivos. A escola não oferecia uma proposta significativa com a realidade dos discentes, a escola não tinha muito para oferecer e o que era apresentado pouco era utilizado na vida e menos ainda no cotidiano profissional, o que havia na aula era apenas uma teoria sem sentido para eles.

Assim, o currículo da escola da cidade poderia até ser vivo, que se movimentaria e se adaptaria ao ambiente dos estudantes da cidade. Mas, para algumas pessoas que chegavam do sertão, o currículo escolar era algo imposto e estabelecido e pouco dialogado com a realidade dos estudantes sertanejos, salvo alguns professores que, utilizando de formas interdisciplinares e transversais, tentavam dialogar com a diversidade de interesses dos jovens. O ambiente da escola, o acolhimento, a atenção com as diversidades culturais e com o projeto de vida que os estudantes vão construindo são elementos decisivos para seguir ou não com seus estudos.

O desafio das escolas da cidade é considerar nos seus espaços de aprendizagens a abertura da diversidade, do multiculturalismo e do ensino que proporciona a emancipação das pessoas. As escolas não podem fechar seus espaços para os estudantes se refugiarem em si, nos seus desejos e sonhos, as escolas precisam potencializar os inéditos-viáveis dos estudantes e não apenas ser uma instituição autoritária e, de certa forma, não devem promover um ensino opressor.

Minha irmã, pense nos desafios da educação brasileira, pense também na do sertão. O cotidiano vivido, pensado e sentido revelam muitas pistas para que possamos compreender esse nosso Brasil profundo, não é mesmo?

Abraços

Leonardo Bezerra

CARTA
A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO SERTÃO MARANHENSE

Balsas-MA, 11 de maio de 2021.

Querido professor Paulo Freire.

Você tem sido fonte de inspiração na minha prática educativa e investigativa. Escrevo-lhe esta carta póstuma para lhe contar a boniteza que encontrei nas minhas andarilhanças pelo sertão maranhense.

Sou professor na Universidade Estadual do Maranhão, atualmente trabalho no curso de Pedagogia, mas já trabalhei em outros cursos, como por exemplo, Agronomia, Enfermagem, Letras e Matemática e também contribuí com os cursos, na modalidade Ead, de Filosofia e Pedagogia.

Estou sendo orientado pelo Prof. Dr. Marcos Reigota, na Universidade de Sorocaba, no Programa de Pós-graduação em Educação, no nível de doutorado. As experiências que tive no percurso do doutorado foram encantadoras e bastante construtoras para o meu devir-mundo na relação eu-tu-nós.

Escrevo-lhe para contar-lhe um pouco sobre a história da Microrregião dos Gerais de Balsas que tem passado por intensas e profundas transformações.

A chegada da agricultura mecanizada e científica à microrregião trouxe disputas, insistências e resistências em Balsas. Muitas famílias abandonaram suas terras por forças hegemônicas que disputavam o poder pela posse, outras foram expulsas das suas terras para ceder espaço para o agronegócio. Algumas famílias, por intermédio da atuação da Associação Camponesa e das ações do irmão comboniano Bruno Haspinger, não abdicaram de suas terras, mesmo não existindo registros que comprovassem a posse.

Nesse processo, idealizou-se a fundação de uma escola para ofertar educação àquelas pessoas que não tinham oportunidade de estudo. A concepção de assentamentos rurais na microrregião dos

Gerais de Balsas certificou as famílias de algumas comunidades o título de escrituração de terras, emitido pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (Iterma). A Comissão Pastoral da Terra, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Associação Camponesa apoiaram a criação da escola como um reforço para a territorialização do local.

Com a leitura do artigo “Caminhos da sustentabilidade: análise preliminar das práticas pedagógicas e o ensino-aprendizagem dos alunos na Escola Família Agrícola Rio Peixe – Balsas/MA”, de José Conceição e José Rodrigues (2012), e a tese de Roberto de Sousa Miranda (2011), intitulada “Ecologia política da soja e processos de territorialização no Sul do Maranhão”, entende-se que a criação da escola ocorreu em um contexto no qual a comunidade de Porto do Isidoro temia novos conflitos e queria garantir aos filhos dos sertanejos uma educação diferenciada. Com isso, foi criada a Associação de Pais e Mestres, com vistas a materializar a territorialização da esperança.

A Escola Família Agrícola Rio Peixe, situada a 250km da cidade de Balsas, atende às expectativas das famílias por valorizar os conhecimentos empíricos dos sertanejos, tem a Pedagogia da Alternância como eixo articulador, teórico e metodológico do movimento, cuja base é o engajamento e o compromisso social, que abrangem as dimensões culturais, agropecuárias, políticas, sociais, agroecológicas e ambientais. Indiscutivelmente, a educação do sertão direcionada à realidade da comunidade e dos estudantes contribuiu para a qualidade de vida das famílias sertanejas, por visar à ampliação local no concernente à saúde, à agropecuária, à produção de alimentos e ao abastecimento dos mercados.

Essa proposta me fez recordar da letra da música “Não vou sair do Campo”, de Gilvan Santos:

NÃO VOU SAIR DO CAMPO

*Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola*

*O povo camponês
O homem e a mulher
O negro quilombola
Com seu canto de afoxé
Ticuna, Caeté
Castanheiros, seringueiros
Pescadores e posseiros
Nesta luta estão de pé
Cultura e produção
Sujeitos da cultura
A nossa agricultura
Pro bem da população
Construir uma nação
Construir soberania
Pra viver o novo dia
Com mais humanização
Quem vive da floresta
Dos rios e dos mares
De todos os lugares
Onde o sol faz uma festa
Quem a sua força empresta
Nos quilombos nas aldeias
E quem na terra semeia
Venha aqui fazer a festa.*

Existem resistências dos sertanejos no contexto da capitalização do sertão. O discurso do agronegócio atravessa a ideia de capitalizar o campo para suprir as carências urbanas ascendentes. Por isso, a conquista da terra pelos pequenos produtores é um espaço de resistência e de lutas a favor do direito à terra para moradia, produção, educação. Desse modo, durante quase duas décadas, ofereceu ensino fundamental [o que hoje equivale do 1º ao 9º ano]. Devido à demanda de estudantes para o ensino médio, a Escola Família Agrícola Rio Peixe oferta, desde 2016, o ensino médio integrado à educação profissional técnica em agropecuária.

A escola utiliza o método pedagógico da alternância e, de acordo com Miranda (2011, p. 160), “Todos os alunos contribuem com uma taxa mensal (dinheiro ou alimentos) para ajudar nos custos de manutenção da escola, cuidam de hortas, de bovinos, de caprinos, de galinhas e de peixes para ajudar na alimentação (café da manhã, almoço, lanche e jantar) e contribuir para a aprendizagem de novas técnicas produtivas”.

A organização escolar me fez lembrar que no texto “A escola em movimento”, de Caldart (2011), o qual esclarece que existe nas escolas do campo a proposta de dois tempos: o primeiro é tempo escola e o segundo é tempo comunidade. No primeiro, os educandos participam das aulas teóricas e práticas, integram o processo de aprendizagem, realizam atividades e atribuições para garantir o funcionamento da escola, além de participarem do planejamento das atividades escolares. O segundo tempo refere-se ao momento em que os educandos realizam pesquisas sobre o cotidiano, registram suas experiências, suas práticas e as trocas de saberes e conhecimentos em seus diversos aspectos.

Mas o que me chamou a atenção é que a construção da Escola Família Agrícola representa, no sertão, os ecos das vozes que não permitiram que fossem silenciadas, seus modos de pensar, ser, viver e sentir e os modos de educar com uma proposta pedagógica adequada às características da vida sertaneja.

Professor Paulo Freire, é uma boniteza só encontrar nas minhas caminhadas pelo sertão que há resistências e insistências, inspirações e transpirações educativas nas artes de fazer e na prática do espaço. Isso é esperarçar!

Registro aqui a minha gratidão pelo que os seus escritos pôde [e ainda tem a potência] me proporcionar a pensar-fazer-pensar com o sertão e no sertão.

Abraço

Leonardo Bezerra

CARTA
MEMÓRIA DE UM DIA NA PREPARAÇÃO PARA A
VISITA EXTERNA

Grajaú-MA, 24 de junho de 2021.

Queridos estudantes do curso de Pedagogia da Uema, saudações!

Escrevo-lhes para salientar que uma das práticas pedagógicas de Paulo Freire era a utilização de cartas para dialogar-com-o-mundo. Nelas existem ideias a partir das reflexões e das vivências. Trago aqui, nesta carta, uma das muitas vivências que tive ao conhecer o sertão maranhense. Essa narrativa também estampa uma das etapas da pesquisa que fiz, sob orientação do professor Marcos Reigota, no doutorado em Educação.

Revelo na narrativa a história de um professores e dos seus alunos no planejamento das atividades pedagógicas de alternância que reuniram muitos fragmentos de histórias contadas e das vivências que tive como professor-pesquisador-conversador e em diálogos com professores e estudantes do campo.

No início do turno matutino, o professor adentrou a sala de aula, não carregava livros, mas estava de posse de alguns cadernos de realidade dos estudantes. Sentou-se e olhou atentamente para todos na sala de aula, os seus olhos azuis luziam de tal modo que despertaram nos estudantes olhares de curiosidade. Após os poucos segundos de observação, começou o diálogo com um "Bom dia!"

***Alunos:** estamos todos ansiosos para saber o planejamento dos professores, sempre foi nossa vontade conhecer e aprender com outras realidades. Sabemos que nela vamos nos deslocar para uma prática do espaço, do estudo do ambiente cotidiano fora da sala de aula. Professor, as nossas curiosidades e imaginações afloram a cada instante. A primeira pergunta que temos é como foi preparada a viagem para fazer a visita de estudo?*

Professor: *A preparação para a visita seguiu um roteiro focado na intenção de conhecer outros cotidianos, outras formas de ver, entender e interagir com o mundo, que podem ser aproximar ou, quem sabe, se afastar do nosso modo. A viagem foi planejada conectando os desejos de vocês, registrados nos planos de estudos dos estudantes das duas EFAs.*

No decorrer da explicação, um dos estudantes o interrompeu e antecipou o que já seria falado: “Como é a nossa primeira viagem para visitar outro ambiente educativo? o que precisamos observar? o que devemos fazer?”

Professor: *Para que fosse preparada a viagem de estudo, adotamos a seguinte sequência: 1. Organizar em pequenos grupos compostos por nossos colegas de outras EFAs acompanhado por um professor para as visitas e apontar os aspectos a serem observados, além de auxiliar os estudantes a organizar o pensamento; 2. Na visita, devemos observar, escutar as explicações, fazer as anotações e elaborar perguntas. 3. Depois vamos nos reunir em espaços educativos para orientá-los para discutirem e socializar as anotações, as observações, os questionamentos, os pontos comuns, as divergências e os pontos que precisam ser melhorados. 3. Auxiliá-los na produção de conhecimento e sistematizar o que foi colocado em comum no relatório como forma de materializar a compreensão do conhecimento para podermos agir e transformar a realidade.*

Alunos: *Entendemos, professor. A viagem será uma oportunidade de estudo a contemplar diversos temas para que possamos explorar, compreender e fazer projeções com base naquilo que vamos ver, sentir, problematizar, avaliar e registrar. Mas qual será o tema principal do estudo, professor? Outros temas serão trabalhados caso surja a necessidade?*

Professor: *O objetivo do estudo é que vocês compreendam a educação ambiental sob vários olhares, pois ela nos requer um (re)pensar e refletir sobre o nosso papel no mundo, que, por sinal, é um grande laboratório de convivências. Também para ampliar o conhecimento, por meio do intercâmbio entre realidades cotidianas*

e dialogar com as diversas áreas de saberes para sensibilizar e conscientizar sobre os valores ambientais, que estão além da sua utilidade para o capitalismo.

A intenção é a de provocar deslocamentos nas formas de captar o cotidiano pelos ruídos, pelos cheiros, pelas texturas e por outras formas não comportadas. Esses deslocamentos aguçam os modos de ver, sentir e pensar. É captar aquilo que está no silêncio diante dos ouvidos, captar aquilo que se mostra sem ser visto, aquilo que é tocado e causa estranheza por nunca ter sido sentido pela viciada pele na qual habitamos.

A partir dessas palavras, os estudantes ficaram com as mentes efervescentes e ansiosos para que o dia da viagem chegasse, por acreditarem que a viagem de estudo será inusitada. O cotidiano das aulas possibilita a eles (re)pensar em com o mundo e compreender sensivelmente uma ecologia que transcende e transborda desde sempre e para sempre.

Queridos estudantes [Pedagogos em formação], espero que a boniteza dessa história que aqui trouxe possa fazer com que vocês pensem sobre a prática de tornarem-se professores. Que também sirva como inspiração, pois, existem diversas formas do fazer pedagógico em espaços distantes da cidade. Que há lindezas nas ações docentes e que a Pedagogia da Alternância é necessária para atender as peculiaridades dos povos dos sertões.

Aqui encerro as minhas palavras.

Abraços

Leonardo Bezerra

CARTA
O AGRONEGÓCIO SEDUZ?

Imperatriz-MA, 1 de agosto de 2022.

Estimados professores do curso de Pedagogia, saudações.

Trago nessa carta um texto que escrevi com a técnica da micronarrativa ficcional (Reigota, 1999; Bezerra, 2022; Bezerra e Martins, 2022; Bezerra e Corrêa, 2023) em que foram criados personagens para colocar informações vivenciadas, lidas, ouvidas no meu percurso acadêmico. Exponho aqui a micronarrativa intitulada "O agronegócio seduz?", ela encontra-se na minha tese de doutorado (Bezerra, 2022).

Em uma bela tarde, o sol já estava se escondendo pelo horizonte quando dois amigos que estudaram em uma Escola Família Agrícola se encontraram depois de um certo tempo. Um se tornou agricultor familiar e o outro fez o curso de Agronomia e se especializou na área tecnológica. Mesmo com as restrições da pandemia da covid-19, eles conversaram e se lembraram da época em que estudaram na EFA. Uma passagem bem interessante diz respeito às preocupações e ansiedades sobre a escolha do local em que iriam realizar o estágio do ensino médio técnico em Agropecuária. Na época, eles acreditavam que as ações desenvolvidas nas atividades do estágio potencializariam seus espaçostempos formativos, pois o estágio contemplaria a construção do conhecimento e fomentaria o desenvolvimento do jovem para a vida cidadã e para o (mercado de) trabalho. E, assim, seguiu o fragmento sobre a escolha do local onde realizaram o estágio:

***André:** Escolhi estagiar em uma das fazendas do agronegócio porque me identifiquei com a sojicultura, com as suas formas de produzir, com as técnicas e com a tecnologia. Minha vocação sempre teve tendência para trabalhar nesses ambientes. Minha*

pretensão foi a de colaborar para que o agronegócio potencializasse e que eu pudesse também crescer e desenvolver seguindo seu ritmo. Hoje sou funcionário de uma multinacional de insumos agrícolas. E você, amigo, no que trabalha e por que escolheu estagiar com a agroecologia?

***João:** Nasci e vivo no sertão, é nele que mantenho grande parte das minhas relações sociais, econômicas e afetivas. À época, decidi empreender na propriedade familiar que meus pais tinham e não me arrependo da escolha que fiz. Respeito a sua profissão, amigo, mas nunca tive olhares afetivos para o agronegócio, mesmo estando cada dia mais próximo dos sertanejos da nossa região. Respeito a sua opinião e escolha pelo agronegócio, mesmo não concordando com o seu ponto de vista. A escolha pela agricultura familiar foi a mais certa que tive, além de não me sentir encantado pela sedução do agronegócio. Para mim, estudar e trabalhar na agricultura familiar foram modos de não cair nas armadilhas do agronegócio no sertão. Além de produtor familiar, eu me formei em licenciatura em Biologia e também colaboro como professor na EFA, e o que percebo é que as intensas mudanças no sertão têm estimulado as pessoas a buscarem um crescimento pessoal e profissional que atenda às necessidades do agronegócio em suas atividades cotidianas. Mas lhe pergunto: por que se encantou com a cultura do agronegócio e se deixou seduzir por ele?*

***André:** Lembra-se de que alguns dos nossos colegas decidiram fazer estágio em hortas em propriedades que estão mais próximas da cidade, outros foram para viveiros e cooperativas que trabalham com laticínios, granjas etc.? Escolhi o agronegócio e o caminho que tive para iniciar o meu percurso profissional foi estudar na EFA e, naquela época, passei a olhar com mais atenção para o cotidiano regional e perceber que cada vez estávamos ficando mais aldeados pela cultura do agronegócio. Vi que as oportunidades são maiores e melhores. A minha visão é direcionada para a produção que deve sempre estar orientada para alcançar a máxima produtividade com uma variedade de empresas*

e com avançadas tecnologias. Amigo, atualmente o Brasil é destaque mundial na produção de soja, estando em segundo lugar, e o plantio de eucalipto é uma realidade no nosso estado, assim como nos outros, para a produção da celulose. E o que você tem para me revelar sobre a agricultura familiar?

***João:** A sua escolha foi estagiar em uma fazenda do agronegócio. Eu reafirmo: "quero permanecer no chão do sertão". Sabíamos que muitas propriedades familiares da nossa região não estavam completamente organizadas, e a minha intenção era organizar a propriedade dos meus pais para impulsionar a agroecologia e comercializar os produtos, pois acreditei que a agroecologia, quando implantada e implementada na propriedade familiar com a adoção de práticas e uso de tecnologias, agride bem menos o meio ambiente do que a produção em larga escala, e hoje continuo com a mesma convicção. Na proposta agroecológica, utilizamos os adubos naturais, e isso reduz a contaminação das águas e dos solos, pois os fertilizantes e pesticidas artificiais pode matar os organismos vivos do solo e isso afeta o equilíbrio biológico. Além de proporcionar boas condições de trabalho no sertão, acho relevante valorizar a nossa cultura, modos de viver e produzir. Amigo, andei pesquisando sobre a agricultura familiar e encontrei informações interessantes no site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de que o Censo Agropecuário de 2017 apontou que "a agricultura familiar empregava mais de 10 milhões de pessoas em setembro de 2017, o que representa 67% do total de pessoas ocupadas na agropecuária. A agricultura familiar também foi responsável por 23% do valor total da produção dos estabelecimentos agropecuários [...] os agricultores familiares têm participação significativa na produção dos alimentos que vão para a mesa dos brasileiros. Nas culturas permanentes, o segmento responde por 48% do valor da produção de café e banana; nas culturas temporárias, são responsáveis por 80% do valor de produção da mandioca, 69% do abacaxi e 42% da produção do feijão". Caso queira conferir mais detalhes, indico que leia as informações que estão no site* Ressalto a importância da*

agricultura familiar, ainda mais para a nossa região, que, como você mesmo disse, está aldeada pelo mar do agronegócio. Minha escolha é uma resistência, essência do nosso pensamento e ações profissionais não alienadoras.

***André:** Pensei diferente, quis crescer e cresci profissionalmente. Gosto do sertão contribuo para um sertão mais produtivo. O bom desenvolvimento refletirá em melhores salários para os profissionais envolvidos e melhor qualidade de vida para mim e para minha família, além do desafio de trabalhar em uma área de grande referência na economia mundial.*

***João:** Você foi seduzido pela cultura do agro, pois, na mídia, ele é divulgado como a melhor invenção que se tem do século XXI; atualmente, ele é difundido com o slogan “O agro é pop, o agro é tech, o agro é tudo”. Essa sedução está enraizada no discurso emergente homogeneizador de um novo e único modo possível de produção no sertão. Amigo, li um artigo, “o discurso do agronegócio e a evidência do sentido único”, que aponta que o discurso propagado prestigia o agronegócio nas mídias publicitárias e nos diversos veículos de comunicações. Há a utilização de artistas como garotos/as propaganda e isso engendra os “[...] efeitos de (oni)potência e poder, vinculando o cotidiano do homem comum a práticas da agricultura monopolista e silenciando os sentidos indesejáveis, que possam inscrever rachaduras e equívocos no lugar dessa suposta pujança” (Romão, 2006, p. 12).*

Após lembrarem do cotidiano que viveram na época de estudantes da EFA, André e João foram interrompidos por uma criança que havia falado que a mãe já estava à espera do pai na perfumaria. Os amigos se despediram e trocaram números de telefones para que pudessem manter contato.

Diante do que expus, gostaria de saber os argumentos de vocês a respeito da seguinte indagação: será que realmente o agronegócio seduz?

Vamos marcar um encontro a beira mar para discutir essa temática, seja no viés educacional ou em outros vieses que foram

surgindo nas nossas reflexões e posicionamentos. Aguardo o contato de vocês para que possamos marcar o nosso encontro.

Abraços

Leonardo Bezerra

** Para conferência, consulte o site: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/agricultura-familiar/agricultura-familiar-1>*

CARTA
DÍÁLOGOS COM-PARTILHADOS, A QUALIFICAÇÃO!

Balsas-MA, 05 de outubro de 2021.

Querido pai,

Despertei-me um tanto sonolento hoje, um pouco preocupado e ansioso com a qualificação da tese que se iniciou as 14h. Levantei, vi as escuras nuvens carregadas pelos ventos se afastarem do céu da cidade de Balsas. Direcionei-me para a cozinha, fiz um chá de cidreira não adoçado, acompanhado com queijo-minas e torradas

Pela manhã, uma amiga, professora de língua inglesa me telefonou se disponibilizando a emprestar sua casa e o acesso à internet para que pudesse realizar a qualificação da tese. Prontamente agradei, mas decidi ficar em casa para fazer a apresentação.

O tempo se arrastou até as 11:30h da manhã, no intervalo de Chronos meus pensamentos efervesceram em palavras não ditas, porém, planejadas.

De 11:30h às 14h o tempo voou, passou muito rápido, estava tudo preparado, o condicionador de ar deixou o ambiente agradável, afastando-me do típico calor do cerrado dos Gerais de Balsas.

Tudo pronto para iniciar. Notebook ligado, apresentação gráfico-imagética preparada para principiar a qualificação, todos a postos, professores-avaliadores, colegas do grupo Ritmos e Perspectiva Ecologista de Educação. A banca avaliadora foi composta pelo Prof. Dr. Marcos Reigota, meu orientador que me acompanhou na jornada das artes de fazer ciência nesses dois anos; a Profa. Dra. Ana Cristina Carvalho, professora de literatura e conhecedora das histórias sobre os sertões; o Prof. Dr. Rodrigo Barchi, um profissional das imagens, ruídos, sentidos e das músicas extremas, e pela querida Profa. Dra. Alda Romaguera, um ser que inspira novos pesquisadores e professores com a sua arte-gráfica-do-pensar-fazer.

Sala aberta no Teams pelo orientador, cumprimentos, conversas iniciais antes de começar a minha fala da qualificação. Principiei os

meus dizeres informando sobre o processo de (des)construção estética e metodológica da pesquisa.

Em todos os momentos da qualificação levei a figura do Lídimo, narrador principal da minha tese, que me acompanhou em todos os momentos (com)partilhados na relação eu-tu, nas palavras silenciadas, lidas, ouvidas, sussurradas, rasgadas, nos gritos mudos ecoados em luzires de fulgores (po)líticos, (po)éticos e culturais. Eu, o pesquisador-conversador, decidi cria-lo como personagem-narrador de todo enredo da pesquisa para ultrapassar a estrutura cartesiana-positivista que tem deixando rastros de solidez nos espaços acadêmicos.

Nas minhas falas, em que colocava palavras nos lábios de Lídimo, não teve o intento de trilhar rotas lineares e tramas perfeitas, pois a pesquisa insurgiu da prática do espaço histórico, social, educativo, educacional e das artes de fazer o cotidiano, que se apresentaram na e fora da sala de aula na Universidade Estadual do Maranhão, em Balsas, além do grito sensível que sobre(veio) do meu consciente pela filosofia, pela arte, pela produção de sentidos e pelas rotas arqueológicas no chão do sertão maranhense.

Após introduzir a fala da qualificação minha conexão de internet oscilou e caiu. Meu coração gelou! Conexão estabelecida, retorno a minha apresentação, agora um pouco mais tenso, mas ciente de que o meu orientador já havia sido advertido sobre a instabilidade da internet na cidade em que eu estava.

Apresentei e mostrei os três estratos arqueológicos, ou seja, as unidades temáticas da tese: o primeiro foi “Silêncios declarados em terras distantes”, o segundo foi “Um cerratense goiano no sertão maranhense”, o terceiro foi “Nos rastros da educação sertaneja”

Nessas tramas, a linguagem e a estética da tese foi mostrada como um trabalho acadêmico não convencional nos modos de pensar-grafar.

A apresentação foi concluída e a etapa seguiu com as arguições, comentários e indicações. Já estava mais tranquilo e a internet estava mais estável. Diálogos, palavras ditas ouvidas, analisadas. Recomendações... foi um momento de (in)tenso produtividade. Todas as falas atravessaram-me de forma a me (re)construir como ser-no-mundo e professor-pesquisador-conversador.

Todas as palavras foram bem-vindas, e as considerações e indicações? Declaro que foram M-A-R-A-V-I-L-H-O-S-A-S.

O tempo havia passado, o momento da sessão secreta com os avaliadores iniciou, nos retiramos da sala virtual para que eles pudessem fazer as considerações finais...

Retornamos a sala, o ritual estava se concretizando, novamente minha pele arrepiou, meu coração gelou e minhas pernas tremeram pela queda da conexão de internet. A conexão residencial não voltou, tive que me (re)conectar usando os dados móveis. Retornei! Ufa! Meu coração aqueceu! Todos estavam a me aguardar para finalizar aquele precioso momento.

Após as considerações dos professores, ficou decidido que a minha defesa seria no dia 15 de fevereiro e que alguns ajustes seriam necessário fazer. Finalizado o momento, me senti agraciado pela presença de todos os professores e colegas que me assistiram de longe.

Com todos os ensinamentos de dois anos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, e de tanto sufoco que passei com as falhas da conexão de internet, decidi fazer a minha defesa em terras goianas, na "cidade de Ana". Mas, pai, essa será outra história que irá participar.

Abraços,

Leonardo Bezerra

CARTA
RE-ENCUNTROS PARA O DESFECHO, A DEFESA!

Anápolis-GO, 15 de fevereiro de 2022.

Para os ausentes,

Coração pulsa, pulsa e impulsa meu despertar, levanto...

... não consegui almoçar, meu apetite estava apertado, eu estava preocupado e feliz ao mesmo tempo. Não era bem a forma como gostaria de ter defendido minha tese, mas foi necessário defender remotamente.

Fui para casa da minha irmã, me isolei em seu escritório, meu pai, minha irmã e meus sobrinhos estavam na sala ansiosos para o início da defesa, e também o Lau. Às 14h. iniciou a sessão juntamente com a chuva, os raios e trovões que ecoavam pelos espaços da "Cidade de Ana". Ainda bem que não faltou energia elétrica e conexão com a internet.

Sessão iniciada, convidados com microfones silenciados e câmeras desligadas. Os professores Marcos, Rodrigo, Thiago, Ana Cristina e Guilherme, a Secretária do Programa de Pós-graduação em Educação da Uniso, minha família, amigos, colegas e professores da Uema estavam a me ouvir. De forma poética iniciei a minha defesa com os seguintes dizeres:

*Nos gritos ecoados em cintilações de fulgores políticos, culturais e
(po)éticos*

*Na relação eu-tu dos momentos (com)partilhados com Leonardo
Para auxiliar na ultrapassagem da estrutura cartesiana-
positivista*

*Que ainda tem deixado rastros de solidez nas academias
Nas palavras silenciadas e dialogadas o Lídimo se manifesta como
personagem-narrador*

Leonardo não trilhou rotas lineares e narrou tramas perfeitas

*Praticou o espaço, ouviu histórias emergidas das memórias
sertanejas na e fora da sala de aula
O grito sensível sobreveio do seu consciente pela arte, pela
filosofia, pela produção de sentidos andarilhadas no sertão maranhense
Surge o convite provocação: É possível analisar a educação
sertaneja que considera os cotidianos educativos do sertão maranhense
frente à expansão do agronegócio?
Novos nomes:
O sumário é um sítio arqueológico
A divisão da tese em parte são rotas arqueológicas
Os capítulos são os estratos arqueológicos com as suas linhas de
pensar-grafar
Nessa arqueologia
Silêncios são revelados
Um cirandar de reconstrução epistemológica de Leonardo
Sulear e anticolonizar a ciência bem comportada
Reunir fragmentos para um arqueologia antropofágica
Provocadas nos encontros do grupo Perspectiva Ecologista de
Educação e Ritmos
Passos para devorar a cultura hegemônica bem-procedida no
sertão
Encontrar pessoas anônimas desvelou a ausência de fragilidades
Em pesquisar a partir da bio:grafia e das formas de se encontrar
no mundo
Paulo Freire, Marcos Reigota, Rubem Alves, Peter Spink
Inspirações em narrativas ficcionais em rotas não lineares
Tese desnudada em cartas, micronarrativas ficcionais e reflexões
não-comportadas
Estratigraf(i)adas na arqueologia do eu
Andarilhadas em palavras escavadas pelos ventos
Leonardo vomita sua identidade narrativa
Em cotidianos ventilados nos silêncios:
“Pulso, pulsante, pulsado, pulsações, sem sanções, sensações!
Giros que compõe pensamentos, lembranças.
Afirmações no mundo que compõe singularidades”*

*De um homem comum feito de coisas vividas e abertas nas
invenções das "artes de fazer"...
... de escrever!*

*(Com)partilhou da mesma sensação de Ana Godoy:
A escrita é prazerosa e difícil ao mesmo tempo.
A bio:grafia desnudada em uma arqueologia ecologista
Leonardo se revela como uma pessoa curiosa desde criança
Que suas escolhas repercutem no seu viver
A filosofia o fez a (re)aprender a ver o mundo
Ver um mundo com as lentes ambientais no mestrado
O fez entender nas linhas pensadas por Reigota que a ecologia é
uma filosofia do movimento social
Encontros com novos modos de (re)pensar o cotidiano
Leituras ancestralizadas, marginalizadas que fogem do
epistemicídio acadêmico
Davi Kopenawa, Ailton Krenac, Jussara Gomes Gruber
Novas (ins)pirações...
Que retomaram as lembranças de Leonardo
Em Fragmentos arqueológicos dos temas geradores
Revelações existentes ao brincar de escola com os amigos
Observar, perceber e refletir sobre as práticas dos seus professores
Ruth, Mariquinha, Lu e Clotilde
Professoras marcantes na teledramaturgia brasileira
Nas escolas rurais e camponesas
(Re)visitas e deglutições teóricas
Educação rural é bem comportada
Pensada na cidade para os rurícolas
Contenção e curral eleitoral...
Educação do campo não é comportada
Pensada no campo para os camponeses
Forças e movimentos nos modos de pensar...
[educação sertaneja]
Um cerratense goiano no sertão maranhense
Revela que vários causos vieram a tona
Em Balsas*

Carolina
Tasso Fragoso
São Raimundo das Mangabeiras
Loreto
Fortaleza dos Nogueiras
Em Grajaú
O sertão revelado é pouco divulgado pela mídia
Entre rios, riachos, grutas, cavernas, cachoeiras
Leonardo se viu na terra do agro
Palavras ouvidas, compartilhadas, confissões ditas ao pé do
ouvido
Sensações, produções de sentidos no e com os sertanejos
Um retorno que ainda retumba no sertão
Histórias contadas com outros óculos
Nessas rotas arqueológicas por onde Leonardo passou
Até as pedras uivaram pelos caminhos
Pouco se tem estudado com as lentes antropofagizada na
perspectiva ecologista de educação
As tramas no sertão do Maranhão
Do assassinato, da fuga e da escravização dos indígenas
A cultura do gado que cruzou viagens
A Casa da Torre de Garcia D'Ávila
A ardilosa e violenta conquista do espaço
A territorialização sangrenta
Os velhos opressores são os oprimidos pelo Império
Os sertanejos são os novos oprimidos?
O Grande Projeto
A soja no cerrado maranhense
O fomento da agricultura científica
Efervescências, transformações locais, a especulação imobiliária, a
grilagem, as trapaças e tramoias.
De Balsas para o norte-nordeste
A agricultura mecanizada desvirginou novas terras
Expansões para além das fronteiras do mapa político
Problemas ecológicos...

*Mudanças educacionais acompanham as tramas
Nas pistas, pegadas e rastos de episódios do sertão.
A arqueologia de um professor forasteiro que vive, trabalha e
estuda o Maranhão
Materializada na sua práxis docente que inspira e transpira
educação
No devir-professor que esperança em terra longínquas
Bio:grafia coabitada na escrita, nas íntimas anotações, nas
memórias...
O contato inicial com os estudantes do curso de Agronomia
As atividades docentes, as orientações monográficas
O interesse em saber mais sobre o sertão
Licenciandos egressos das escolas sertanejas
As ricas conversas sertanejas
Revelações das pitas ocultas no Brasil profundo
Que emergiram nos aromas, sabores e lembranças
A práxis de Leonardo abrolhou em tornar-se professor (subversivo)
aos poucos
Suleamentos subversivos arriscados em ações democráticas
libertadoras de pensar-agir
Andrade, Nietzsche, Freire e Reigota
Inspirações não comportadas para uma educação sertaneja
É possível pensar uma educação antropofágica no sertão?
Sim, é possível!
A célebre frase de Andrade: "A vida é devoração pura"
Antes de devorar é preciso conhecer
Andanças do pesquisador-conversador
Surgimento das pistas históricas (não)comportadas
Propostas educativas tardias
Valorização da educação nas cidades
Moldar alunos ausentes de vozes
Reflexos dominantes do poder sobre o saber
Situações marginalizadas emaranhadas em episódios capitalistas
de exclusão
Jecas, rudimentares, sujeitos que não sabem viver limpos*

*Era a visão estampada no Referencial Curricular Nacional de
Educação Rural
A insistência e resistências para fazer uma educação sertaneja
A participação da igreja católica
As professoras leigas, mulheres fortes batalhadoras
Que buscavam qualificações e enfrentavam grandes distâncias
para estudar
A implantação tardia da Escola Normal
A formação aligeiradas de professores: Edurural-Ne
Histórias que retumbam pelos espaços acadêmicos
Que se encorpam nos diálogos que Leonardo tem com as pioneiras
do ensino superior em Balsas
Das licenciaturas especiais de formação docente na UEMA aos
cursos regulares presenciais e a distância
Declarados em estar ou sem professor.
Escolas pensadas na cidade para o sertão
Professores com pê maiúsculo:
Concursados ou contratados
Que se envolvem nas relações cotidianas das comunidades
Que consideram as singularidades sertanejas
Alguns não se adaptam, pelos modos de ser e de estar no sertão
Outros desistem pelas longas distâncias para chegarem a escola
Outros pedem transferência para as das cidades.
No sertão é necessário ser professor-inventivos
Tem a integração da família com a comunidade:
Que criam uma rede de esperança
Colaboram e mantêm o funcionamento das escolas
Que transpiram por melhores ambientes educativos para seus
filhos
Que vislumbram um futuro melhor.
Algumas tem salas (multi)seriadas
Na tentativa de evitar a nucleação ou fechamento da escola
Desafios cotidianos no ensino
Transpirações, inspirações e aspirações colaborativas para o
ensino contextualizado*

*Nessa trama (multi)seriada todos estão juntos e misturados na
boniteza de aprender
Pouco (ou nada) se trabalha nos cursos de formação inicial de
professores
Exceto no curso de licenciatura em educação do campo ou na
especialização.
Outros desafios se mostram nos episódios (com)partilhados
Ficar, ir ou desistir? Eis a questão!
Há um grupo de estudantes que não sequenciam os estudos, pois a
cidade ainda é muito longe
Dificuldades com transporte, moradia e até mesmo desistência
para trabalhar em suas pequenas terras sertanejas
Tem aquelas que se casam precocemente
Que os filhos vem a luz
Mas também tem aqueles que vão para a cidade
Buscam oportunidades e estudam
Nem sempre estudam o que sonharam mas querem uma vida
melhor
Alguns se tornam bacharéis, outros professores
E outros professonharam na escola inspirados nos seus mestres
Episódios e tramas cotidianas se atravessam
As escolas pensadas no sertão para o sertão
Tem uma postura pedagógica na alternância
Nascida na França
Mas aqui, trazida pelos padres italianos
Nesse pensar, a alternância considera os modos dos sertanejos em
ver, sentir e se relacionar com o sertão
São escolas familiares-agrícolas
Que tem o tempo escola e o tempo família-comunidade em um
calendário diferenciado
Que representam o sonho conquistado
Adentrar nessas escolas foi encantador
Fruto de resistências frente a expansão do agronegócio no sertão
Leonardo se inspirou em Nilda Alves para compreender os
instrumentos da alternância*

*Foi desafiador esse pensar porque as escassas teorias ainda são
tecnicistas
Nessa nova lente espaçotempos juntos estão
Os espaçotempos investigativos
São (re)construídos pelos professores e estudantes
Em que a ação educativa não é neutra
Em diálogos com o chão sertanejo e com os sonhos dos estudantes
Em projetos políticos educacionais.
Os espaçotempos socializadores
É o devir-mundo, a interação, intervenção com ações
comunicativas
É aprender com a relação com o seu mundo e com o mundos dos
outros.
Os espaçotempos didáticos
São ambientes para aprender ensinando e ensinar aprendendo
Em diálogos, liberdades, libertações, emancipações, criações e
profissionalismo
Com a leitura dinâmica de mundos
Os espaçotempos avaliativos
Mesmo seguindo as tramas políticas consideram a arte da
reinvenção peculiares cotidianas escolares do sertão
Percorrer pelos arremates...
O desfecho se manifesta que em meio a tantas outras teses
Seja inspiração para os leitores, para os sertanejos
Para outros pesquisadores
Parar é preciso, mas a caminhada não se encerra...*

*Apresentação dos resultados findada, o coração pulsa, pulsa e
impulsa, desta vez mais calmo. Iniciam-se as falas dos professores
avaliadores, os comentários, as arguições, a defesa segue seu caminho...*

*Comentários, posicionamentos, críticas, reflexões,
questionamentos, esclarecimentos e análises foram compartilhadas.
Não vi o tempo passar, logo chegou o momento da sessão secreta da
banca avaliadora. Fiquei onde estava, quieto e pensativo. Novamente*

entramos na sala, a leitura da ata foi realizada, cumprimentos virtuais aconteceram, minha felicidade se misturou com a dos meus familiares.

O ritual da defesa encerrou.

Ufa! Agora sou Doutor em Educação.

Tudo que vivenciei, com(partilhei), senti, ouvi, li, pensei, grafiei e dialoguei, valeu a pena. Ah... como valeu a pena. Valeu!

Encerro aqui com um grande abraço.

Leonardo Bezerra

CARTA
AS INSPIR(A)ÇÕES

Daqui e d'acolá, em vários dias, por vários meses, entre os anos de 2019 a 2022.

Estimados leitores,

Caminhando por entre diversos devires-lugares, por vários dias, alguns intercalados e outros não, fui trilhando percursos, encontrando pistas, analisando o cotidiano, vivendo e produzindo sentidos. Nessas produções de sentidos, além do vivido, apresento, em ordem alfabética, o elenco de autores que nos inspiraram na grafia das cartas.

*ANDRADE, O. Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias. **Obras Completas**. V.6. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1970.*

*ANDRADE, O. **Ponta de Lança**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1972.*

*ASSMANN, H., **Curiosidade e Prazer de Aprender** – O papel da curiosidade na aprendizagem criativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.*

*ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.*

*BAUMAN, Z. **Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.*

*BEZERRA, L. M. **Educação Ambiental no ensino formal: o caso das licenciaturas da UniEvangélica**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente. Anápolis: UniEvangélica, 2008.*

*BEZERRA, L. M. **Arqueologia antropofágica em rotas não lineares: narrativas educacionais reveladas no sertão maranhense**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Sorocaba-SP: Uniso, 2022.*

BEZERRA, L. M.; MARTINS, C. S. *A produção de sentido adentra o cotidiano universitário: nos rastros da formação de professores. Anais VIII Congresso Nacional de Educação - CONEDU...* Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88054>>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

BEZERRA, L. M.; CORRÊA, T. H. B. *Pelos caminhos das narrativas ficcionais: uma proposta de itinerário.* CORRÊA, T. H. B.; BEZERRA, L. M. (Orgs.). *Perspectiva Ecologista de Educação: o legado reigotiano nos cotidianos aprendentes.* São Carlos: Pedro & João, 2023. pp. 109-135.

CALDART, R. S. *A escola do campo em movimento.* ARROYO, M.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. (Org.). *Por uma educação do campo.* Petrópolis: Vozes, 2011a. p. 87-132.

CALDART, R. S. *Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção.* In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. (Org.). *Por uma educação do campo.* 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b. p. 149-158.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano.* 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONCEIÇÃO, J. J.; RODRIGUES, J. C. C. *Caminhos da sustentabilidade: análise preliminar das práticas pedagógicas e o ensino aprendizagem dos alunos na Escola Família Agrícola Rio Peixe - Balsas/MA.* Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 69-81, jan. /jun. 2012.

CORALINA, C. *Exaltação de Aninha (O Professor).* CORALINA, C. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.* São Paulo: Editora José Olympio, 1965.

CORALINA, C. *Meu destino.* CORALINA, C. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais.* São Paulo: Editora José Olympio, 1965.

CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha.* 9.ed. São Paulo: Ed. Global Gaia, 2007.

- ÉLIS, B. *Caminhos e descaminhos*. Brasil Central, 1965.
- ÉLIS, B. *Ermos e Gerais*. São Paulo: Martins Fonte, 2005.
- ÉLIS, B. *O tronco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., 1988.
- ÉLIS, B. *Veranico de janeiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.
- FERNÁNDEZ, A. *Os Idiomas do Aprendiz: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, P. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, P. *Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar*. Paz e Terra, 2021.
- GONZAGA, L. *Xote ecológico*. (Composição e interpretação de Luiz Gonzaga). Disponibilizado por Lorencia no canal do Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=1HQ6rAqqt6Q> Acesso em: 01 nov 2021.
- GULLAR, F. *Mau despertar. Melhores Poemas*. Seleção de Alfredo Bosi. São Paulo: Global Editora, 2012.
- HATOUN, M. *Um solitário à espreita*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MIRANDA, R. S. *Ecologia política da soja e processos de territorialização no sul do Maranhão*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

PESSOA, F. Poema Mar Português. PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PESSOA, F. O guardador de rebanhos. *Poemas completos de Alberto Caetano*. São Paulo: Ática, 2008.

REIGOTA, M. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REIGOTA, M.; PRADO, B. H. S. (Orgs). *Educação ambiental: utopia e práxis*. São Paulo: Cortez, 2008.

REIGOTA, M. *A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 2011.

REIGOTA, M. *Hiroshima e Nagasaki*. Sorocaba: O autor. 2015. (e-book).

ROMAGUERA, A. R. T. *Vida e arte e educação e(m) criações*. 2010. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251349>. Acesso em: 03 de abril de 2019.

ROMÃO, L. M. S. O discurso do agronegócio e a evidência do sentido único. *Revista NERA, Presidente Prudente/SP*, p. 1-13, 2006.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. et al. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SANTOS, G. Não vou sair do campo. Disponibilizado por Daniel Schuster no canal do Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=fEMlQUsdKpc&t=37s> Acesso em: 21 dez 2019.

SPINK, M. J. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

TOCANTINS, G.; CARNEIRO, H. Frutos da Terra. (Interpretação de Marcelo Barra). Disponibilizado por Marcelo Barra Cantor no canal do Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=bO623LLkDQY> Acesso em: 21 out 2021.

Todas as leituras e reflexões sobre o processo do professor-pesquisador-conversador pensada e refletida com Lídimo e com o orientador da tese foram relevantes para a minha formação de pesquisador. Tudo isso valeu muito a pena e declaro em bom e alto tom que a caminhada não se encerra aqui!

Lídimo e eu sempre continuaremos...

Afetuosos abraços.

Leonardo Bezerra

SOBRE O AUTOR



Leonardo Mendes Bezerra é um cerratense goiano que atua profissionalmente, no cerrado do sertão maranhense, como professor no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas, e também assumiu em 2023 a Direção do Curso de Pedagogia e a Chefia do Departamento de Educação da mesma instituição.

É Doutor em Educação pela Universidade de Sorocaba, Mestre em Ciências Ambientais pela UniEvangélica-GO, Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás, Licenciado em Pedagogia pelo Uninter-PR, Licenciado em História pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera.

É Líder do Grupo de Pesquisa “DEVIR – Núcleo de Investigação em Cotidiano, Educação e Inventividade” (UEMA/CNPq), é o Segundo Líder do Grupo de Pesquisa “NINA – Núcleo de Investigação da Narrativa” (UEMA/CNPq), e Pesquisador no Grupo de Pesquisa “PEE – Perspectiva Ecologista de Educação” (UFTM/CNPq).

Desenvolve pesquisas nas áreas da Educação e Ensino, assim como integra a equipe do Comitê Institucional de Pesquisa da Universidade Estadual do Maranhão. Por fim, é um professor-pesquisador-conversador que interage no-com-o-mundo e com-diversas-pessoas e várias-situações, além de inspirar, respirar e transpirar a Ciência da Educação.

Apoio:



Endereço para acessar o grupo de pesquisa:
dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0235681670257990

Nos e-ventos que constituem o professor-pessoa, a arte de desnudar - explorada neste livro - pode ser compreendida como a arte de se descobrir nas ranhuras da vida. Ao despir, nesse exercício ontológico, de onde devo partir? "Parto de mim"!

Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa